MORTO HÁ UM ANO, ALBERTO SOUTO CONTINUA PRESENTE

Aveiro 27 de Outubro de 1962 * Ano IX * N.º 418

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA» R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

/.../ O *moliceiro* vive para aí ao deus-dará como tudo o que é nosso, e anda perdido pelas rias, pelas cales profundas, pelos esteiros baixos, pelas praias e pelas malhadas, ao vento e ao relento, animando a paisagem da marinha e dizendo adeus aos montes de sal, encalhando nas coroas à espera da maré e dormindo nos juncais à espera do carrêgo, baloiçado pela mareta, corrido pela nortada, empurrado pela vara, ajoujado de moliço e de lama viscosa e peganhenta. E' o património, o orgulho e o ganha-pão dos *mirões*, do *marinhão* ou do *labrego*, *gente do rio*, tostada do sol, musculosa das carnes, arrevesada de manhas, falando a sua gíria, empregando o seu calão, experimentada, às vezes, pelo pulso da Capitania, que lhe reprime os desmandos e pune as transgressões, e entre a qual nós supomos ver passar, metidos no branco duma camisa que lhes substituísse o albornoz, as figuras dos últimos moiros. — ALBERTO SOUTO - «MOLICEIROS»

Um artigo do DR. JOÃO COUTO

PIONEIRO do MUSEU ENGRANDECIDO

PORTUGAL é um país onde se esquece com facilidade. Ou, porque os acontecimentos se sucedem com tão vertiginosa rapidez que fazem sumir a memória dos que tiveram lugar anteriormente, ou porque no dia-a-dia as pessoas que surgem no tablado da vida são sempre tão geniais que os outros pràticamente nada representam, não há nem se vive de recordações.

Olhemos para o panorama dos Museus. Quando estes estabelecimentos começaram a surgir no nosso País, logo houve um grupo de pioneiros que os fundaram, os animaram e lhes deram grande parte da sua actividade e do seu saber.

Houve dois, dos maiores, com quem colaborei durante muitos anos. Foram o professor coimbrão António Augusto Gonçalves, ao qual devo grande parte daquilo que aprendi e sei, e o Dr. José de Figueiredo, que foi meu amigo e meu antecessor nas Janelas Verdes.

Outros nomes, que cito ao acaso por com eles ter convivido, são Francisco de Almeida Moreira, de Viseu, João do Amaral, de Lamego, Alfredo Guimarães, de Guimarães, Tito Benevenuto de Sousa Larcher, de Leiria, o Dr. Lopes da Silva, de Évora.

Em Aveiro, o grande pioneiro do movimento pelo maior engrandecimento do Museu regional foi o Dr. Alberto Souto, gentilíssima pessoa, dotada de muito saber, grande força de vontade e de uma dedicação que ultrapassava aquilo que se podia pedir a um vivente.

Alberto Souto sucedeu a

Continua na página 5

...e já assim era AOS 17 ANOS ...

EVOCAÇÃO PELO DR. JOSÉ PEREIRA TAVARES

EVOCAR Alberto Souto quando estudante do nosso Liceu é evocar a cidade e a rapaziada liceal desse tempo, do tempo em que aqui iniciei e terminei o Curso Geral Secundário.

Duas palavras apenas...

Depois de, já com catorze anos, ter feito exame de Instrução Primária no Liceu, em Agosto de 1901, — matriculei-me na 1.ª classe no ano lectivo imediato (1902-1903).

As aulas abriram no dia 2 de Outubro. Era Reitor o oficial de Marinha, reformado, Francisco Augusto da Fonseca Regala, de quem guardo a melhor das recordações. Pertencera, como oportunamente verifiquei, à comissão de estudantes do Liceu de Aveiro que em 1866, quatro anos após o falecimento de José Estêvão, tomou a iniciativa de inaugurar o retrato que hoje figura na sala dos professores.

Compunham o corpo docente os professores efectivos Elias Fernandes Pereira, Álvaro de Moura Coutinho de Almeida de Eça, José Rodrigues Soares, P.e Manuel Rodrigues Vieira, Ildefonso Marques Mano, Eduardo Silva e Alexandre Ferreira da Cunha e Sousa, além de vários professores interinos.

Dentre os aveirenses ainda hoje vivos, frequentavam então o Liceu, em várias classes, Agnelo Regala, João de Morais Sarmento, Manuel Prat, José Pereira Grijó, José Vieira Gamelas, Luís Firmino Regala de Vilhena, António Ernesto de Almeida, Agostinho Fontes Pereira de Melo, António da Rocha, etc., e, dos já desaparecidos, Antenor e Raul Ferreira de Matos, Pompeu da Naia e Silva, João Maria da Naia, Aparício Miranda, Feliciano Soares, Rui de Morais da Cunha e Costa, João Abel Rebocho Voz, Alexandre dos Prazeres Rodrigues, etc.

Vigorava ainda o regímen

Continua na página 2

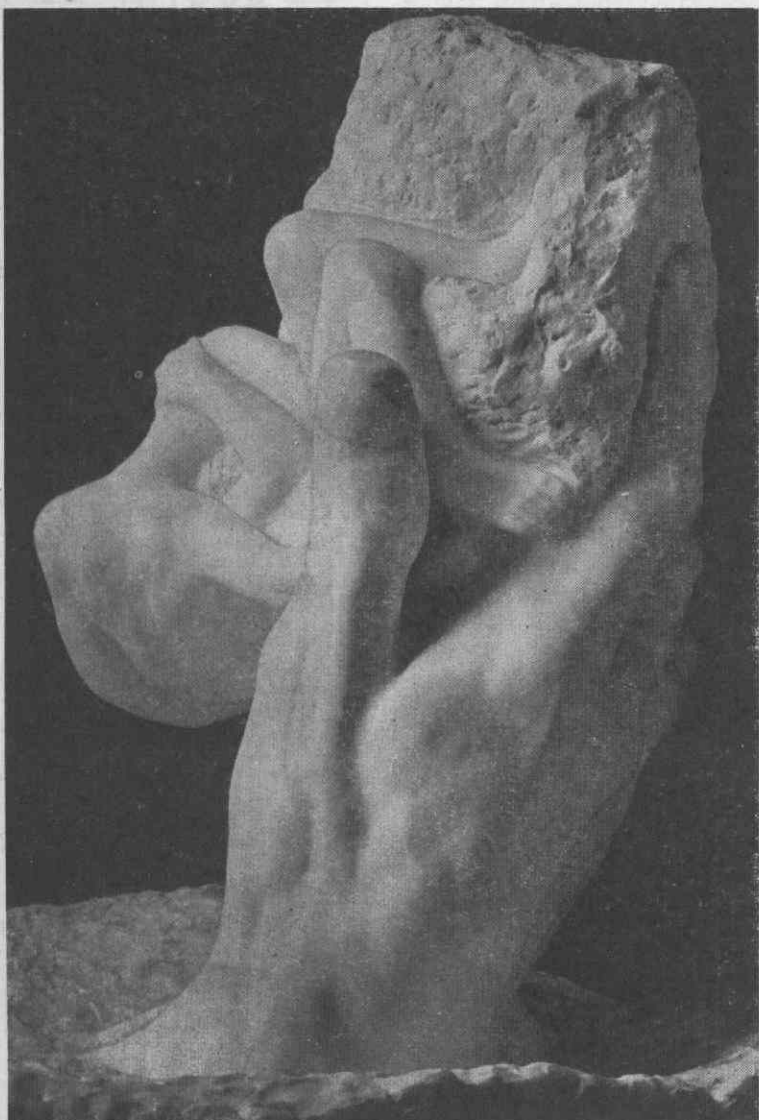
Urge erguer o Monumento ao que foi Símbolo e Apóstolo do AVEIRISMO

UMA CARTA DO DR. FRANCISCO DO VALE GUIMARÃES

Meu caro David Cristo:

Aproveito esta para apresentar ao Litoral *as minhas felicitações de aniversário. Traduzem elas sentimentos de simpatia, admiração e amizade. Até de reconhecimento, tantos e tão meritórios os serviços do jornal à nossa terra.*

Com o teu talento e sensibilidade artística, com o poder criador da tua inteligência, com a tua prosa simultâneamente viril e elegante, fizeste um jornal que depressa conquistou lugar entre os melhores deste País. Aveiro tem legítimo orgulho na sua Imprensa. Dificilmente outra cidade provinciana podia criar e alimentar dois jornais com o nível dos nossos. Parabéns,

Continua na página 5

/.../ O barro é um minério. É matéria inerte e limo da terra — mas figura, com suprema honra, na tradição sagrada, porque, se Deus fez o homem no sexto dia da Criação, foi em barro que o esculpiu. /.../ As mais das vezes, não tem valor algum. /.../ Vêde-o, porém, nos domínios da olaria: nas mãos hábeis, na graciosa roda e no forno ardente do oleiro — e já tem valia e preço. Seja o da oficina pobre dos obscuros pucareiros ou o das muflas e fornos das altas temperaturas das grandes fábricas, depois de tocado pela mão do Homem, que o extrai dos poços e barrancos profundos, das minas escuras ou dos barreiros a céu aberto, já entra na categoria de *matéria-prima*, e deixa de ser o barro informe, inerte, estéril, lamoso e escorregadio — estorvo do arado, abominação da enxada, ingrato para a lavoura, tortura para o viandante. /.../ — ALBERTO SOUTO — «O HOMEM E O BARRO»

EDITORIAL

Duas palavras de homenagem

Pelo DR. ANTÓNIO CHRISTO

O homem que ama e serve, o que sabe eleger uma causa digna e consumir no seu culto e no seu magistério as faculdades de um talento privilegiado, os primores de um carácter íntegro e as fadigas de um trabalho incessante — esse é um grande homem, com direito às homenagens de todos.

Amar e servir uma causa digna é prender o carro a uma estrela, como queria Emerson que os homens fizessem, para sua honra. E foi lembrando-o que o Dr. Jaime de Magalhães Lima, sumo-sacerdote das nossas crenças e afectos, com a agudeza do seu espírito crítico e os primores do seu jeito literário, salientou que o Dr. Alberto Souto prendeu o seu carro a uma estrela e que essa estrela foi a sua terra — este chão que ao gerá-lo mais se enobreceu e que pròdigamente o alimentou das suas mais puras e substanciosas seivas.

Assim se transmudou a terra no homem — e assim o homem se identificou com a terra-mãe e lhe acrescentou a fidalguia e a formosura com o prestígio e o encanto dos seus dons singulares.

O Dr. Alberto Souto foi um grande homem de Aveiro, com larguíssimo crédito na conta-corrente dos sentimentos de justiça, de veneração e de reconhecimento dos seus conterrâneos, que amou e serviu como poucos.

Também dele se pode dizer, como um distinto orador disse de outro grande homem, que batalhou heròicamente, e acrescentou novas refulgências à sua estrela, e só se sentiu desalentado e sucumbiu quando o enredaram em pequeninas intrigas, lhe arremessaram deploráveis injúrias e o molestaram com pérfidas calúnias, «umas coisas miseráveis que ele devia ter esmagado com o seu desprezo e nunca distinguido com a sua atenção».

Esta é, como alguém sagazmente reconheceu e proclamou, a dolorosa angústia de quase todos os grandes homens: que os seus contemporâneos lhes recusam a justiça conquistada e devida e só a posteridade os vinga e premeia.

Ainda bem que a História sabe sepultar a indiferença e o desagradecimento dos medíocres: ela se encarregará de erguer a estátua da glorificação do Dr. Alberto Souto e de guardar para os séculos vindouros a lição magistral do seu magnífico exemplo.

O Dr. Alberto Souto, que tanto prestigiou com o brilho da sua pena as nossas colunas, presidindo ao jantar de confraternização dos colaboradores do *Litoral*, na noite de 27 de Outubro de 1956

...e já assim era aos 17 anos...

Continuação da primeira página

de estudos de Jaime Moniz (1895), com Português, Latim, Geografia, História, Matemática e Ciências da 1.ª à 7.ª classe; Desenho da 1.ª à 5.ª; Francês da 2.ª à 5.ª; Alemão da 2.ª à 7.ª, e de tão apertadas exigências de preparação, que a maior parte dos que se matriculavam na 1.ª classe não logravam atingir o términus do Curso.

A 4.ª classe frequentei-a já sob novo regímen, instituído em Agosto de 1905, muito mais fácil e além disso com bifurcação de Letras e Ciências nas 6.ª e 7.ª classes, e faculdade de se repetir em Outubro a disciplina em que se houvesse ficado reprovado na época de Julho.

Predominava, em geral, o método do «magister dixit», que intimamente me era antipático, pois me parecia menos ensino do que deturpação dele. Não quer isto dizer que não houvesse alguns mestres verdadeiramente modernos. Nesse tempo, como hoje, como sempre, os alunos sabiam quais eram os *professores* e quais os simples *marcadores de notas*...

Alberto Souto, mais novo do que eu um ano, tendo abandonado o Curso do Seminário, apareceu como aluno do Liceu de Aveiro em 1905, no ano em que por aqui passou João Franco, em viagem de propaganda política. Lembro-me muito bem da entusiástica manifestação que ao futuro ditador foi feita em frente do palacete do Dr. Jaime de Magalhães Lima, à rua do Carmo, a cuja varanda assomou no mais aceso da homenagem, e, à noite, no Teatro Aveirense, regurgitante de adeptos e de curiosos, na sessão pública em que o chefe dos regeneradores-liberais apresentou e defendeu, com vários correligionários, o seu elixir político.

Os rapazes das classes mais adiantadas apaixonavam-se pela política e alguns, como Alberto Souto, eram republicanos. Dos professores, havia-os dos três partidos monárquicos — progressistas, regeneradores e regeneradores-liberais — e republicanos, mas a política não intervinha na vida liceal. Nenhum aluno era censurado pelas suas ideias, nem estas exerciam influência nas classificações a cada um atribuídas pelos professores.

Nesta atmosfera de absoluta tolerância, todos se sentiam felicíssimos e todos naturalmente notavam que Aveiro era uma terra de ideal cidadania.

Alberto Souto logo conquistou a admiração e a estima de todos os rapazes: tinha o dom da palavra, era muito mais culto do que nós e de uma incomparável afabilidade. E assistiu-se a este espectáculo: eleição de um aluno da 3.ª classe para Presidente da Academia, nesse ano lectivo de 1906-1907. Condiscípulos seus, ainda hoje vivos: Egas Salgueiro, Francisco Rendeiro, João Maria Ferreira da Mota, Laurélio Regala e Orlando Peixinho.

O seu discurso — *Paz, Pátria e Iberismo* —, pronunciado no dia 1.º de Dezembro do ano anterior, em sessão solene comemorativa da restauração de Portugal e promovida pela «Academia Aveirense», produziu enorme entusiasmo entre a massa estudantil e estrondoso sucesso na Cidade. Aveiro reconhecia ter mais um orador e fixava a sua atenção nesse fogoso, simpático e talentoso rapaz de 17 anos, que viria a ser um dos seus mais estrénuos amigos e defensores

Bem faz, portanto, o *Litoral* em reproduzir em suas colunas alguns excertos desse primeiro discurso do saudoso Aveirense que há um ano desapareceu do nosso convívio.

José Pereira Tavares

Duas passagens de um discurso proferido por Alberto Souto aos 17 anos

/.../ Sendo livres todas as nações, sendo independentes todos os povos, apagados por uma cuidadosa educação os desejos de conquista e as inimizades internacionais, conciliados pela justiça os interesses que em luta originam as conflagrações animadas pelo militarismo, poderá ser que a humanidade alcance um estado mais feliz.

E o progresso continuará a sua marcha, porque se desaparece a rivalidade bélica permanece a concorrência do comércio, da indústria, da civilização; a luta inocente, o estímulo pacífico.

E não será bem mais admirável a superioridade e aperfeiçoamento artístico, a superioridade e aperfeiçoamento das letras, dos costumes, da ciência, das indústrias, que a superioridade militar, que o aperfeiçoamento das armas, dos canhões, das minas, dos explosivos, de toda essa arte cujo fim é a morte do nosso semelhante e a maior destruição na razão inversa do número agente? /.../

/.../ Em todos os tempos os homens têm procurado, à custa dos mais extraordinários sacrifícios, autonomia do País em que nasceram, que encerra a sua história, o que o prendem os laços das recordações de infância e a independência do povo que é a sua família e que guarda as tradições dos seus ascendentes.

Como a reforma social que acabasse com a família, a organização política que pusesse termo aos limites das nacionalidades arrastaria consigo uma anarquia fatal, estenderia no orbe terráqueo a revolução desesperada que seria a dies irae da sociedade. /.../

Dívida a Saldar

por FIGUEIRA MAIO

A gratidão é uma qualidade, uma virtude inerente a toda a gente bem formada, já proverbial e inata nos aveirenses, os quais, sempre que oportuno e necessário, voluntária e expontâneamente a exteriorizam, mormente quando ela é devida a quem por eles se empenhou e pelos seus problemas lutou.

Desta asserção foi dado irrefutável testemunho, demonstração eloquente com o profundo pesar manifestado, há um ano, pela morte inesperada do Dr. Alberto Souto, que era, a muitos títulos, um aveirense prestimoso, do maior relevo, como exuberantemente o prova a considerável soma de inestimáveis serviços, de toda a ordem, que prestou à sua terra.

Efectivamente, com o falecimento do Dr. Alberto Souto — ocorrido em 23 de Outubro do ano passado — desapareceu do tablado da vida, desta vida por vezes cheia de espinhos e de incompreensões, uma figura da mais elevada estatura intelectual, social e moral, que bem podia, se quisesse, ter ascendido aos mais destacados lugares da governação, donde lhe adviriam, por certo, maiores honrarias e prebendas.

Não admira, pois, que esta encantadora e liberal cidade de Aveiro — sua terra por nascimento e devoção que ele tanto amou — lastime sentidamente, sinceramente, a perda irreparável de tão dilecto e devotado filho, daquele que, durante mais de meio século, pôs ao serviço de nobres ideais e da região que lhe foi berço os fulgores da sua inteligência, a sua vastíssima e multifacetada cultura e o prestígio do seu nome, tratando sempre, abnegadamente e com profundo conhecimento, dos mais variados problemas locais, quer simples, quer complexos ou transcendentes.

O Dr. Alberto Souto era, desde há muito — dado o seu arreigado «aveirismo», multiforme talento e mais qualidades que o exornavam — a pessoa mais representativa de Aveiro, pelo que a sua perda deixou, sem dúvida, uma lacuna difícil de preencher, sobretudo numa época em que, sendo rara a simultaneidade de grandes valores, a sua inequívoca e inconfundível figura ainda mais se avulta e se agiganta.

Muito culto, pois, e enamorado desta Aveiro que ele trazia sempre no coração, promoveu e incentivou vários empreendimentos e muitas vezes a representou em congressos, embaixadas culturais e outras reuniões de carácter regional ou científico, distinguindo-se sempre nessas missões espinhosas e difíceis, prestigiando-se e prestigiando também, simultâneamente, os aveirenses e toda a região, cujas belezas naturais tanto realçava com a sua palavra fluente e a sua prosa castiça e colorida, dum estilo próprio e inconfundível.

Advogado brilhante, professor e publicista distintíssimo, orador de grandes recursos e poder verbal, jornalista vigoroso, investigador erudito nos campos da Geologia, da Arte e da Arqueologia, o ilustre e saudoso morto era grande, grande em tudo, mercê da sua esclarecida inteligência e curioso espírito.

A sua vasta bibliografia, composta de algumas dezenas de obras, fica também a atestar a grande cultura que possuía, tendo ainda deixado muita e variada colaboração dispersa por diários, semanários e revistas. Estas actividades e méritos fizeram-no, merecidamente, sócio de numerosas instituições culturais e científicas e conferiram-lhe, além de outras distinções, as comendas da Ordem de Avis e da Ordem de Santiago, bem como a outorga, pelo Instituto Histórico-Geográfico de S. Paulo, da Comenda da Imperatriz Leopoldina.

Os aveirenses (aqueles que o são por nascimento ou adopção) tinham a ideia perfeita da figura marcante, de primeiro plano, que era o Dr. Alberto Souto; tinham, em suma, a consciência exacta da sua grandeza.

Por isso, foi com a mais profunda mágoa que o viram sair, em Junho do ano passado, da presidência da Câmara, que ocupou durante quatro anos, e onde, desinteressadamente, estava a realizar uma obra de grande alcance e projecção futura.

A sua preocupação constante, e maior, eram, pois, os problemas da sua querida Aveiro, era o seu inexcedível «aveirismo», por causa do qual tudo sacrificou.

Um homem assim, de tamanha envergadura intelectual e afeição pela sua e nossa terra, em prol da qual tanto trabalhou, não pode nem deve ser esquecido; a sua figura inconfundível tem direito incontestável a ser perpetuada no bronze, como, em tão boa hora sugeriu o prestigioso Clube dos Galitos, com a anuência calorosa e carinhosa de todos os aveirenses, ficando, assim, a tão honrada memória dignificada à altura dos seus raros merecimentos.

Tal lembrança — dum monumento condigno a erigir no local mais apropriado — não só honra e nobilita aquela recreativa, cultural e benemérita colectividade que a lançou, mas também aqueles que, num gesto verdadeiramente altruista, a ela dão todo o seu apoio e contributo, a fim de saldar uma dívida de gratidão que está no espírito de toda a gente para com a memória do saudoso Dr. Alberto Souto, daquele que na vida marcou sempre uma posição destacada nos mais altos cumes, tornando-se o maior dentre os maiores da sua terra, a figura máxima desta encantadora cidade de Aveiro que, por muito lhe querer, a levou no coração.

Ele foi HONRA e BRIO de AVEIRO

ARTIGO DO DR. QUERUBIM GUIMARÃES

AVEIRO não o esqueceu e nunca o esquecerá. Era dos seus filhos mais queridos e queria-lhe porque ele muito lhe queria também.

Ele foi na sua vida honra e brio de Aveiro. Orgulhava-se ela de o ter como seu filho. Viu a luz do dia, ao abrir-se-lhe a estrada da vida, nesta terra, que tanto e tanto amou; natural daqui perto, de uma das ilhargas desta Aveiro que ele cantou na palavra eloquente do seu verbo criador, ou na pena cintilante da sua prosa cristalina. O Bonsucesso é o mesmo que Aveiro. Estando lá estava aqui, como estando aqui estava lá. Afinal estava sempre em Aveiro. Vivia Aveiro em plenitude. Vivia-a na sua história, que prescrutou até às origens, como a vivia no presente, presente e passado fundidos nesse cadinho procreador dum maior e mais belo futuro. Estudou-a e viveu-a nos mais recônditos traços da sua vida histórica, nos vestígios da pré-história, no seu passado romano e pré-romano, nos seus monumentos arqueológicos, os desmantelados castros, os símbolos tumulares dos que as legiões romanas até aqui trouxeram e da velha Lusitânia fizeram fundo e glória sua. Calcorreou serras e colinas a auscultar no rumor íntimo das seivas o que fora a vida dos séculos que passaram, na pesquisa de documentário da vida de extintas idades, em busca de rudimentos habitacionais de gerações que se sumiram na noite dos tempos, recolhendo *tegulas* que carreava para o Museu ou fixando, aqui e além, os *dolmans*, agasalhadores de vidas que se extinguiram.

Tudo isso ele rebuscou, examinou, estudou, numa minúcia apaixonada de Mestre que chegara a ser, num auto-didactismo em que consumia grande parte da sua passagem no Mundo.

Desceu às maiores profundezas da evolução geológica da Terra, percorrendo, numa visão disciplinada, os ciclos históricos das origens e da sua evolução. Andou por feiras e romarias a ver dançar e a ouvir cantar e falar o povo, recolhendo tudo no seu canhenho etnográfico e etnológico.

A sua intervenção e direcção no grande e inesquecível cortejo folclórico do Distrito, documenta o seu especial conhecimento da vida popular da região.

A Ria e as suas margens ribeirinhas eram o seu grande encanto. Viveu-a e amou-a apaixonadamente e, com ela e por ela e pela grandeza maior de Aveiro, viveu e amou a causa do seu porto, da desacreditada barra do passado, dançarina como uma gaivota, voando dum lado para outro ao sabor dos ventos e hoje rasgada aberta, rasgada e fixa entrada, levando ao mais longínquo do nosso «hinterland» o que do oceano acarreta para terra.

Foi Alberto Souto um dos seus mais ardorosos animadores e sentiu a maior satisfação quando viu realizada a obra que ajudara a construir na fase inicial de tanta incerteza e desânimo e até de oposição de quem temia nas suas terras a invasão das águas do mar.

Não foi só um sonhador e, assim, um diminuido realizador Alberto Souto, como alguns o apelidavam.

Olhe-se para o Museu Regional e ali se notará o irreal do apodo. Ali ficou, durante a sua gerência de vários anos, bem marcada a sua sucessão a Marques Gomes, criador do Museu.

E então sonhar não é realizar em pensamento? O sonho não é porta que se abre para a realidade? Misto de cientista e de artista, de homem de concepções e realizações, viveu bem a vida do seu aveirismo. Tinha Aveiro na retina, na sua paisagem, alacre, viva de luz e de emoção, na nostalgia dos dias que morrem, ou na frescura das manhãs que cantam a glória do sol noscente, nas águas da Ria, no cristalino dos seus montes de sol a polvilhar de claridade o azulino dos céus, tudo isso ele trazia, em permanência, na menina dos seus olhos, tal como o seu Mestre do Seminário de Coimbra, seu Bispo o seu amigo, como ele cantor das belezas desta terra.

Partiu, deixou-nos em saudade, mas nós todos, os que com ele privámos, como toda Aveiro, jamais o esqueceremos.

O Dr. Alberto Souto com o sr Eng.º Arantes de Oliveira, quando o ilustre titular das Obras Públicas visitou Aveiro, em 1 de Fevereiro de 1958

URGE ERGUER O MONUMENTO AO QUE FOI SÍMBOLO E APÓSTOLO DO AVEIRISMO

Continuação da primeira página

a ti e a todos os que te acompanham e contigo colaboram.

Deves recordar-te de que, em Junho passado, no artigo que publiquei a propósito do Palácio da Justiça, anunciava a saída de um folheto para o dia 23 do corrente, primeiro aniversário da morte de Alberto Souto. Acrescentei que o volume compreendia, além das palavras proferidas no cemitério do Outeirinho por ocasião do préstito fúnebre, notas e comentários acerca da nomeação do egrégio aveirense para Presidente da Câmara (Maio de 1957) e acerca da sua forçada demissão (Junho de 1961).

Um trágico acontecimento viria, porém, mudar o curso das coisas. Já o original do folheto se encontrava no prelo, fui e fomos todos surpreendidos pela dramática morte do Governador Civil, Dr. Jaime Ferreira da Silva. Acto contínuo se apagou na minha mente a figura do político, para nela tomar lugar apenas o homem — homem novo, com todo o seu complexo existencial, humana ânsia de viver — e também o chefe de família, que a fatalidade impiedosa não poupou.

Merece-me a sua memória todo o respeito. E, porque assim é, mandei suspender a impressão, a fim de remodelar o capítulo em que analisava as razões, o processo e o acto de demissão e os seus aspectos políticos e administrativos. É que nele afloravam, como é natural, arestas contundentes, que, apesar de não serem ofensivas, eram agora inoportunas e impróprias.

Devia esta explicação aos que me honraram com a leitura desse artigo, publicado no Litoral *em Junho, e, de entre esses, especialmente aos que tributam veneração, saudade e reconhecimento àquele que foi em vida, e no nosso tempo, um dos maiores servidores da nossa terra, um dos que mais a prestigiaram e o mais expressivo símbolo e apóstolo do conteúdo ideológico do aveirismo. Por isso, à medida que o tempo corre, a sua figura agiganta-se a nossos olhos, alarga-se o vazio que a sua morte gerou e temos como irreparável a sua perda.*

Ainda agora, no momento em que se comemora o centenário de José Estêvão, a sua falta é enorme. É que Alberto Souto pelo seu poder oratório — depois de José Estêvão foi, com Cunha e Costa, o maior orador aveirense — e, pela sua formação democrática, perfeitamente integrado nas ideias do Tribuno, era a pessoa própria para falar dele — do orador, do doutrinário, do lutador e do servidor de Aveiro. Falar pleno de convicção, de amor e de eloquência porque, salvaguardada a devida proporção, Alberto Souto foi assim também como ele em muitas facetas da sua actividade prodigiosa. Não pode falar-se de José Estêvão sem se falar das suas ideias. E para se falar com entusiasmo é preciso que aquelas sejam também as daquele que eleva a sua voz para entoar hinos ao imortal Tribuno. Quando assim não é, pode depor-se com honestidade, sinceridade e respeito total. Faltará, porém, calor, vibração, arroubo, comunicabilidade.

Oportunamente publicarei o folheto. Espero fazê-lo logo que a Câmara Municipal tome as decisões que lhe competem em relação à iniciativa do Clube dos Galitos, de se erigir monumento — de que tu, caro David, serás o orientador artístico — que fique a falar do talento e dos serviços do cidadão impoluto e prestante que foi Alberto Souto.

A Comissão Executiva do monumento, de que eu e tu fazemos parte, acedeu ao pedido do Snr. Presidente da Câmara de se aguardar algum tempo antes de se dar efectividade àquela iniciativa. Compreendeu ela o bom fundamento da proposta ou sugestão presidencial — estudar a edilidade a localização da estátua, em conjunto com a daquela que Aveiro também deseja levantar a D. João de Lima Vidal.

No advogar de tão merecida homenagem à figura de Homem, de Bispo e de Aveirense que foi D. João, tenho pessoalmente as maiores responsabilidades. É matéria, no entanto, em que a última palavra cabe ao Prelado da Diocese. O saudoso D. Domingos deu essa palavra, pois acolheu com entusiasmo a ideia. Estudou um plano geral de realizações, devidamente hierarquizado. A estátua a D. João lá figurava. Quis o meu acordo. Não lho regateei. A morte prematura do tão esclarecido e activo segundo Bispo da restaurada Diocese fez com que se voltasse ao primeiro momento. Ao novo Bispo compete agora decidir. Mas a sua eleição tardou largos meses; meses vai ainda esperar, por motivo do Concílio, a sua posse; e longos meses hão-de decorrer até que possa tomar posição no problema, tantas e tão delicadas as questões com evidente prioridade.

Sendo assim, já não se me afigura oportuno colocar o estudo da localização da estátua a Alberto Souto na dependência da que um dia há-de perpetuar a memória de D. João. A Câmara deverá, assim penso, rever a posição e decidir casuisticamente. Aliás, só por motivos até ao presente absolutamente imprevisíveis, o monumento deixaria de implantar-se no jardim em construção junto ao Museu — o local mais próprio, mais a carácter e mais digno, pois às grandes obras daquele e às suas riquezas prendem-se trinta anos de amoroso, desinteressado e intenso labor de Alberto Souto. Há meses, logo após a primeira reunião da Comissão executiva (Fevereiro último) troquei impressões com o ilustre Ministro das Obras Públicas. Prontamente me disse não ver, pelo menos de momento, local mais capaz do que esse.

Não deve, por tudo isso, esperar-se mais, e também porque há muitos aveirenses, os mais idosos, que desejam ainda em sua vida ver esculpida no bronze a figura daquele de quem foram amigos e admiradores e que, no decurso de meio século, foi procurador inexcedível da terra e do povo. Depois, maior demora daria lugar à maledicência, tanto mais que em política o que parece é, mesmo até quando os factos digam que não é. E nem a Câmara nem a Comissão querem, por certo, sujeitar-se a tal, até pelo respeito à memória do homenageado. Fico mesmo a pensar que foi para não prejudicar a iniciativa do Clube dos Galitos, para a não diminuir no seu significado total, que o Município não promoveu qualquer homenagem neste primeiro aniversário do falecimento do seu antigo Presidente — homenagem ao investigador, ao escritor, ao orador, ao servidor da região e da Câmara, ao cidadão que ajudou a implantar a República e fez, com o seu prestígio e autoridade sobre as massas, com que Aveiro não conhecesse perseguições, até no momento em que as instituições seculares foram substituídas.

Deve-se muito a Alberto Souto. Não se demore a pagar-lhe.

Meu caro David:

Aí tens a minha contribuição à tua louvável ideia de consagrares um número do Litoral *à memória do nosso querido Amigo. É ela pequena. Não vale nada. Mas não podia repetir o elogio fúnebre que dele fiz e vai aparecer no tal folheto. E esse mesmo só valerá pela sinceridade com que falei e o escrevi.*

22-10-62

Francisco do Vale Guimarães

O Dr. Alberto Souto, quando Presidente do Município aveirense, tendo à sua direita o então Ministro das Comunicações, General Gomes de Araújo, e o Dr. Vale Guimarães, ao tempo Chefe do Distrito, aquando da visita a Aveiro daquele ilustre estadista, em 24 de Agosto de 1957

PIONEIRO DO MUSEU ENGRANDECIDO

Continuação da primeira página

João Augusto Marques Gomes. À casa de Santa Joana, adaptada a Museu público, Marques Gomes deu o miolo, Alberto Souto deu-lhe a vida.

Estou a vê-lo, cheio de uma actividade sem limites, dando-se inteiramente à sua causa, batendo-se com paixão para vencer mil problemas, alguns tantas vezes ridículos, mas suficientes para fazer esgotar e perder a paciência de quem deseja vencê-los.

Alberto Souto, que estava convencido do grande papel que o Museu de Aveiro podia vir a desempenhar no desenvolvimento cultural da região e até no do País, teve, antes de morrer, uma grande alegria. Foi ver na Direcção do Museu, que foi compelido a abandonar por ter atingido o limite de idade, o nosso amigo e grande estudioso Dr. António Manuel Gonçalves que, na chefia do estabelecimento, se está a revelar um museólogo notável. O Dr. Alberto Souto ainda viu assegurada uma boa sucessão para o seu cometimento.

O Dr. Alberto Souto não podia deixar de ter sido um apaixonado Director do estabelecimento que lhe foi confiado. Aveirense ilustre, tudo quanto podia contribuir para o enobrecimento da sua cidade, não podia deixar de o entusiasmar.

Devemos-lhe esta grande intuição: — o Dr. Alberto Souto compreendeu o alcance que, num meio ainda pouco receptivo, pode ter um estabelecimento da natureza daquele que dirigia. Por isso fez tudo quanto pôde para melhor o instalar, para o engrandecer, para lhe preparar o futuro brilhante que, em Aveiro, ele está destinado a desempenhar.

Lisboa, 20 de Outubro de 1962

João Couto

A CIDADE

SERVIÇO DE FARMACIAS

Sábado . . .	SAÚDE
Domingo . . .	OUDINOT
2.ª feira . . .	MOURA
3.ª feira . . .	CENTRAL
4.ª feira . . .	MODERNA
5.ª feira . . .	A L A
6.ª feira . . .	M. CALADO

Natal dos Soldados Aveirenses no Norte de Angola

À semelhança do que se fez no ano passado, estão a recolher-se donativos para a celebração do Natal dos indígenas do Distrito do Uige, no norte de Angola, e dos inúmeros soldados do Distrito de Aveiro que ali se encontram a defender a soberania de Portugal.

A iniciativa é digna de todo o aplauso.

Apelamos para a generosidade dos aveirenses, cujas lembranças (em roupas, conservas, doces e frutas secas, tabaco, brinquedos ou dinheiro) podem ser entregues na Rua do Dr. Nascimento Leitão, n.º 4, ou na Redacção do Litoral.

Dr. Jorge da Fonseca Jorge

Após mais de seis anos de exercício das elevadas funções de Delegado em Aveiro do I. N. T. P., foi transferido para o Porto, onde vai desempenhar idêntico cargo, o sr. Dr. Jorge da Fonseca Jorge. A posse ser-lhe-á conferida hoje, nesta última cidade, pelo sr. Ministro das Corporações.

No nosso Distrito, o distinto funcionário do Ministério das Corporações fez obra notável, tanto mais de relevar quanto é certo tratar-se duma região que, por altamente industrializada, fornece constantes e importantes problemas sociais e laborais, que importa resolver como senso, acuidade e constante diligência.

Estas qualidades as possui, é em alto grau, o sr. Dr. Jorge da Fonseca Jorge.

Por isso muito lastimamos que as exigências de serviço o afastem da nossa terra, onde, por suas qualidades e lhano trato, conquistou gerais e merecidas simpatias.

★ Dignou-se o sr. Dr. Jorge da Fonseca Jorge endereçar-nos amáveis cumprimentos de despedida. Gratos pela deferência.

★ Ao ilustre Delegado do I. N. T. P. ser-lhe-á oferecido, pelos seus numerosos admiradores e amigos, um jantar de homenagem e despedida, que se realizará no salão de festas, do Cine-Teatro Avenida na noite de 5 de Novembro próximo.

As inscrições podem fazer-se na sede do Grémio do Comércio do Concelho de Aveiro.

Litoral 27 - Outubro - 1962
N.º 418 · Ano IX · Pág. 6

Festa de Cristo-Rei

Assinalando a passagem de mais um aniversário, a Acção Católica Portuguesa realiza, amanhã, a celebração da Festa de Cristo-Rei.

Em Aveiro, no ginásio do Liceu, e com início às 15.30 horas, a Junta Diocesana daquele organismo promove uma sessão solene, cujo programa é o seguinte:

1—Hino da Acção Calólica. 2—Palavras de saudação, pelo sr. Pedro Grangeon Ribeiro Lopes. Presidente da Junta Diocesana da A. C. 3 —Conferência da sr.ª Dr.ª D. Maria Emília Lobo Alves, Assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob o tema «Um Concílio na Igreja». 4—Conferência do sr. Doutor José Veiga Beirão, Professor Catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, sob o tema «Evolução das Ideias na Física e o Conhecimento Humano». 5—Encerramento, pelo Rev.º Vigário Capitular de Aveiro, Mons. Júlio Tavares Rebimbas.

Missas de Fiéis Defuntos

Na igreja das Carmelitas

Como de costume, no dia 2 de Novembro, haverá, na igreja das Carmelitas, um terno de missas, que se iniciará às 6 horas.

Na igreja da Misericórdia

Neste templo, no Dia de Fiéis Defuntos, rezam-se dois ternos de missas, o primeiro às 7 horas e o segundo, às 8 horas.

Às 12.30 horas, será rezada outra missa.

Conservatório Regional de Aveiro

Abertura das aulas dos Cursos de Música

As aulas dos Cursos de Música deste estabelecimento de ensino terão início no próximo dia 5 de Novembro.

A Direcção do Conservatório lamenta que não tenha sido possível começar mais cedo as actividades escolares, mas a verdade é que só agora se venceram certas dificuldades relacionadas com a sua instalação em casa alugada para o efeito.

Curso de Francês

Com o propósito de proporcionar a quantos desejam frequentar as aulas de Francês a possibilidade de o fazerem, e pondo de parte as suas próprias conveniências, as professoras do Curso de Francês resolveram prolongar as aulas por mais uma hora.

Assim, a partir do dia 3 do próximo mês de Novembro, as aulas terão o seguinte horário:

1.º e 2.º Anos — duas turmas, sendo uma às 18 e outra às 20 horas; *3.º Ano* — terá, também, duas turmas, que funcionarão às 17 e às 19 horas; *4.º Ano e Curso Superior* — continuam às 19 e às 17 horas, respectivamente, cada um com uma turma.

Dentro deste horário, os alunos dos 1.º, 2.º e 3.º anos podem escolher qualquer das horas indicadas.

Continuam abertas as inscrições — pelo que é de esperar que os aveirenses saibam aproveitar o ensejo para se matricularem neste utilíssimo Curso.

---

†

ALFERES AVIADOR JORGE LACHAUD

Missa de 30.º dia

Tendo-se registado o infausto acontecimento que enlutou a B. A. 7, com o desastre mortal de um dos seus oficiais, no dia solene do Juramento de Bandeira na Unidade dos novos, alunos-pilotos, manda o Comandante da Base, com a solidariedade de todos os colegas Oficiais, no trigéssimo dia do falecimento, celebrar na Sé de Aveiro, pelas 9 horas da manhã do dia 30 de Outubro corrente, uma missa por alma do saudoso Alferes Lachaud, que, com dignidade e aprumo, serviu a Força Aérea Portuguesa.

Desde já o Comando da B. A. 7, agradece a presença das pessoas que se dignem assistir ao piedoso acto.

O COMANDANTE,

Alberto Manuel Lopes Magro

TENENTE-CORONEL

PROBLEMAS DO SAL

No sábado passado, cerca de 300 proprietários e marnotos reuniram-se, no amplo salão de festas das Fábricas Aleluia, num jantar de homenagem ao nosso colaborador Dr. António Christo, ao sr. Dr. Vítor Gomes, presidente do Grémio da Lavoura, ao sr. Eng.º Carlos Maia e ao *Litoral*, por motivo da acção que têm desenvolvido em defesa dos legítimos interesses da produção salineira e da qual resultou já a recente actualização dos preços do sal.

Presidiu o Governador Civil substituto, sr. Dr. António Fernando Marques, vendo-se na mesa de honra, além dos homenageados, os srs. Dr. A'lvaro da Silva Sampaio, Eng.º José Gamelas Júnior, Dr. José Couceiro, Eng.º Manuel Simões Pontes, Elias Gamelas de Oliveira Pinto, Prof. João de Pinho Brandão, Eng.º João Cândido Ventura da Cruz e outras individualidades.

Durante o jantar, que decorreu num ambiente simpático de franca camaradagem, foram recebidos telegramas e telefonemas de alguns que, impossibilitados de assistir, quiseram associar-se à homenagem, sendo de salientar os dos proprietários e marnoteiros do Salgado da Figueira da Foz.

Um marnoto do Sálgado de Aveiro, que escondeu o seu nome so as iniciais J. G., fez espalhar pelas mesas uns impressos nos quais, em linguagem despretensiosa e de notável sinceriedade, apelava para a união de todos os produtores salineiros.

Em determinada altura, usaram da palavra o sr. Eng.º José Gamelas Júnior, em nome da comissão promotora da homenagem, o proprietário sr. Dr. A'lvaro da Silva Sampaio, antigo presidente da Câmara Municipal de Aveiro, e o marnoto sr. Manuel da Cruz Regala. Todos fizeram considerações muito judiciosas sobre diversos problemas salineiros, sendo por isso fartamente aplaudidos, e salientaram o trabalho dos homenageados, o que provocou repetidas manifestações de simpatia.

Nos seus agradecimentos, o sr. Eng.º Carlos Maia, o nosso colaborador Dr. António Cristo, o sr. Dr. Vítor Gomes e o director do *Litoral* abordaram também algumas questões de grande interesse para a produção salineira e para a economia regional, sendo frequentemente interrompidos com grandes ovações.

Houve ensejo de salientar o injustificado procedimento do presidente da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos, que acarretou aos salgados de Aveiro e da Figueira da Foz prejuízos no montante de milhares de contos, e de agradecer ao sr. Secretário de Estado do Comércio o despacho que reajustou os preços do sal, que de modo algum compensa os gravíssimos prejuízos impostos durante longos anos, mas que é já reconhecimento da justiça devida aos produtores salineiros e começo de uma reparação.

Salientaram-se os prestimosos serviços dos que, além dos homenageados, contribuiram para o esclarecimento de muitos problemas que interessam à produção salineira: os produtores srs. Eng.º Carlos Gamelas Gomes Teixeira e José Gamelas Júnior e os marnotos srs. Plácido Rito Nunes, Domingos da Silva Cravo Novo, Joaquim Gonçalves da Loura e João da Costa; o deputado sr. Dr. Paulo Cancela de Abreu, que por mais de uma vez ventilou a questão dos preços na Assembleia Nacional; o falecido Governador Civil de Aveiro, sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva, e o nosso conterrâneo sr. José Barreto Ferraz Sacchetti, que, mercê das funções que desempenhavam e no exercício delas, puderam esclarecer muitos factos que andavam deturpados; as autoridades locais e a Imprensa regional, que secundaram as legítimas pretensões da produção; os produtores salineiros da Figueira da Foz srs. Dr. João Gordilho Bagão e António dos Santos Lima, infatigáveis nos seus conscienciosos trabalhos e na sua constante colaboração; e o sr. Prof. Eng.º Castro Caldas, a quem em boa hora foi cometido o estudo dos custos da produção e que se houve como era de esperar do seu profundo saber e da sua exemplar probidade.

Abordaram-se alguns problemas, relativos à produção e à comercialização do sal, que reclamam cuidadoso estudo e permanente vigilância, problemas que poderão resolver-se através de uma organização mais eficiente da produção salineira. Neste sentido se trabalha agora, sendo de louvar a colaboração dispensada pelo sr. Eng.º Manuel Simões Pontes aos encarregados de estudar a organização que se pretende. Através dela se espera, muito fundadamente, garantir à produção salineira, sem prejuízo dos *legítimos* interesses do comércio e do consumo, a posição a que tem incontestável direito no quadro das actividades nacionais; e através dela se hão-de também assegurar, de um modo prático, o futuro dos marnotos, renumerando convenientemente o seu árduo trabalho e acautelando-os suficientemente, e às suas famílias, contra os riscos das doenças, da invalidez, da velhice e da morte.

O anúncio de que este trabalho se encontra já adiantado e será dentro em breve submetido à apreciação do Grémio da Lavoura e, depois, à dos proprietários e marnotos, arrancou calorosos aplausos.

Foram enviados telegramas de saudação e de agradecimento aos srs. Secretário de Estado do Comércio e Vice-presidente da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos, ao qual se pediu uma visita ao Salgado de Aveiro, e ainda ao sr. Prof. Eng.º Castro Caldas.

Depois de haver entregue aos homenageados significativas lembranças, o sr. Governador Civil substituto felicitou os promotores da justa homenagem, evocou o trabalho discreto mas persistente do malogrado Dr. Jaime Ferreira da Silva, teve palavras de elogio para os drs. António Cristo, Vítor Gomes e Eng.º Carlos Maia, assim como para a acção desenvolvida pelo *Litoral*, e terminou salientando os nobres sentimentos de gratidão dos proprietários e marnotos ali reunidos.

Informam-nos de que a comissão promotora da homenagem, tendo apurado um saldo de contos, o destina, por sugestão do nosso colaborador Dr. António Cristo, à celebração do Natal dos soldados aveirenses que defendem a soberania de Portugal no norte de Angola.

Dois aspectos da assistência ao jantar de confraternização e homenagem dos salineiros aveirenses

---

Câmara M l de Aveiro

Conv tória

Nos ter o disposto no Art.º do Código Administrat onvoco o Conselho cipal para uma sessão ordinária, a realizar no do próximo mês de N ro, pelas 15 horas, com uinte ordem do dia:

a) — *Dis e aprovação do delibera reunião ordinária da a, realizada em 19 do mês, sobre a venda de nos em lotes nas Ruas d cipe Perfeito e do Dr. ento Leitão.*

Paços oncelho de Aveiro, 26 d bro de 1962

O Presid Câmara,
a) — *Henriq Mascarenhas*
E tr.º

Novos êxitos de VASCO BRANCO

Tendo, ainda recentemente, obtido em Viena de Áustria, no Festival Internacional da UNICA, a que acorrem os melhores filmes de amadores de todas as latitudes, o «Diplome d'Honneur», com o filme «O Espelho da Cidade» — magnífico cartaz de Aveiro, que, assim, está a correr Mundo —, o Dr. Vasco Branco conseguiu agora novo triunfo, na Bélgica, no Festival Internacional do Clube de Huy, conquistando duas medalhas de bronze e, ainda, o «Prémio do Melhor Filme de Familia», com as suas magníficas produções «O Menino e o Caranguejo» e «Circo e... Etc.».

Muito nos congratulamos com mais estes notáveis êxitos do nosso amigo e colaborador e grande artista aveirense.

AGRADECIMENTO

Sensibilizada com a homenagem que os Excelentíssimos Produtores do Salgado de Aveiro e respectiva Comissão Organizadora prestaram às individualidades que se têm interessado pelos seus problemas, a *Direcção do Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo* torna público o seu profundo reconhecimento.

Comemorações do Centenário da Morte de José Estêvão

Da Câmara Municipal, recebemos o seguinte comunicado:

A Comissão encarregada pela Câmara Municipal de Aveiro de realizar as Comemorações do Centenário da Morte de José Estêvão Coelho de Magalhães anunciou em tempo o seu melhor propósito de o fazer condignamente, depois de assim ter deliberado, na sua primeira reunião efectuada em Fevereiro do ano corrente.

Depois de muitas diligências e preocupações, organizou um programa que foi publicado nos jornais locais do dia 13 deste mês.

Esse programa, elaborado com prudente cuidado e com os elementos de que a Comissão Municipal até então dispunha, mereceu reparos da população aveirense, nomeadamente no que se referia ao cortejo cívico desde sempre programado. Como o desejo desta Comissão Municipal foi sempre o de trabalhar em harmonia com toda a população interessada, aceitaram-se as sugestões apresentadas e foi resolvido dar a esse cortejo uma amplitude maior, compatível com o desejo geral de nele se poderem incorporar e manifestar o seu civismo, numa grande homenagem à memória do insigne aveirense que tanto contribuiu para o prestígio e engrandecimento da sua terra.

Deste modo, aumentando-se a extensão do cortejo cívico, justificava-se que nele se incluisse um discurso de exaltação à memória de José Estêvão, para o que foi convidado o Ex.mo Senhor Dr. Francisco José Rodrigues do Vale Guimarães, que gentilìssimamente aceitou; e, ainda pelas razões expostas, tornou-se imparticável a realização do cortejo no dia e na hora já mencionados. De tudo o que fica exposto resultou a necessidade de remodelar o programa que, em definitivo, fica estabelecido como segue.

Dia 3 — *14.30 horas* — Grande cortejo cívico de romagem ao Cemitério Central;

17.30 horas — Inauguração da iluminação da Estátua de José Estêvão;

Dia 4 — *11.30 horas* — Abertura da exposição bio-biblio-iconográfica, no Museu Regional;

15 horas — Sessão Solene no Teatro Aveirense.

Por este meio é convidada a população de Aveiro, quer por si, quer pelas suas agremissões representativas, a participar nas várias rubricas deste programa, dando às Comemorações o brilho e o entusiasmo da sua muita admiração pela memória do grande aveirense que se homenageia.

Quanto ao cortejo, a concentração faz-se às 14 horas no Largo do Mercado, devendo as deputações das agremissões e organismos representativos fazer-se acompanhar dos seus estandartes. O desfile inicia-se às 14.30 horas, passando pela Rua do Engenheiro Silvério Pereira da Silva, Avenida Doutor Lourenço Peixinho, Ponte Praça, Rua de Coimbra e Praça da República, aonde se fará nova concentração. Uma vez concluída essa concentração, só os porta-estandartes se devem deslocar para rodear a estátua de José Estêvão.

Neste momento, será descerrada a lápida comemorativa oferecida pela Câmara Municipal de Aveiro e proferido um discurso de homenagem a José Estêvão, pelo Ex.mo Senhor Dr. Francisco do Vale Guimarães.

Terminados estes actos, o Cortejo prosseguirá, com a mesma ordem. pelas ruas de Gustavo Ferreira Pinto Basto, Capitão Sousa Pizarro, Miguel Bombarda, Santa Joana e Batalhão de Caçadores 10, até ao Cemitério Central. Segue-se o desfile dentro do Cemitério, de modo a que todo o Cortejo passe junto da porta do Jazigo-Capela onde repousam os restos mortais de José Estêvão. Terminado esse desfile, será rezada Missa de Sufrágio.

Findo este acto, será inaugurada a iluminação da Estátua, na Praça da República.

A exposição bio-biblio-iconográfica, a inaugurar no dia 4. pelas 11.30, estará aberta durante 15 dias, podendo cotinuar além desse período se a afluência de visitantes o justificar.

Pede-se aos organismos representativos o obséquio de emprestarem os respectivos estandartes, para com eles se engalanar o Teatro Aveirense, durante a Sessão Solene.

Solicita-se ainda aos ocupantes dos prédios situados nas Ruas do percurso do cortejo que coloquem colchas nas janelas, à passagem do mesmo Cortejo.

Círculo Experimental de Teatro de Aveiro

«Godot» volta a Aveiro e vai ao Porto

Por motivos muito de ponderar e não difíceis de presumir, entre os quais é devido mencionar os convites de deslocações e a decisão de recomeçar novos trabalhos, o CETA julgou não apresentar de novo em Aveiro a peça de Beckett. Uma vez, porém, que para tal foi convidado pelo Movimento Nacional Feminino, o CETA entendeu que não podia deixar de colaborar, o que faz com o maior entusiasmo, para tão humanitária e patriótica campanha como é a do *Natal do Soldado,* para a qual se destina a receita do espectáculo que o CETA mais uma vez vai apresentar no *Aveirense* em princípios de Dezembro.

Entretanto, com negociações já entabolados com uma das melhores salas de espectáculos do Porto, o CETA acaba de ser convidado também pelo TEP para se deslocar àquela cidade.

A Cidade e o CETA

Por diversos motivos, o *Círculo Experimental de Teatro de Aveiro* julga ser estrito dever seu exprimir pùblicamente o seu mais sincero agradecimento a todas as entidades aveirenses, as quais, tendo o suficiente discernimento de ver que, no Prémio Nacional conquistado pelo CETA, havia também uma exaltação da cidade, tiveram a penhorante hombridade e sentido bairrismo de manifestarem a sua congratulação pelo êxito alcançado.

E o agradecimento do CETA é tanto mais imperioso e a sua manifestação tanto mais imprescindível, quanto ele sabe e quer confirmar:

1) — desejando, mais que tudo, trabalhar em prol dum bom Teatro para um melhor nível cultural, o CETA mais estima as espontâneas manifestações particulares do que aplausos multitudinários ou protocolares recepções oficiais, manifestações ruidosas, aliás denotando ao menos bairrismo, como, em casos similares, alguns se realizaram;

2) — sabendo que consigo, inevitàvelmente, está associado o nome de Aveiro, o CETA admite, e agradece, essas manifestações de colectividades que, embora com uma finalidade específica nos seus actos, nem por isso deixam de ter na sua existência o mesmo fim comum — o bem das nossas gentes e o nome da nossa terra!

Por isso, nessa simpatia manifestada se vê, não um motivo de devaneio, mas um fundamento de estímulo, tanto mais apreciável quanto mais certo é o alheamento de certos... e quanto mais consciente se torna que o CETA, agora mais que nunca, sente sobre os seus ombros o peso da «nobreza conquistada que obriga a novas conquistas», com as quais a cidade se vai solidarizando.

Abertura da Época

A abrir a época teatral de 1962-63, o CETA deve apresentar uma das mais representativas obras dum clássico inglês.

Para possibilitar a apresentação deste e doutros originais, está aberta a inscrição para o elenco artístico e técnico do CETA na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 121.

FAZEM ANOS

Hoje, 27 — Os srs. José das Neves Limas, Adélio Simões Miranda e Tenente Natividade e Silva; a menina Maria Eduarda, filha do sr. Armindo Ferreira; e os meninos Cesário Humberto da Graça e Melo, Joaquim Manuel Costa, filho do sr. Joaquim Costa, encarregado de «A Lusitânia»; e António das Neves, empregado em «A Lusitânia».

Amanhã, 28 — A sr.ª D. Maria Adelaide Ferreira Novo, esposa do sr. Major-aviador João da Cruz Novo; o sr. José Luís Gamelas Costa, e o menino José Manuel Figueiredo de Resende Feio, filho do sr. José de Resende Feio, ausentes em Luanda.

Em 29 — Os srs José Vieira Barbosa e João António Soares Ferreira.

Em 30 — As sr.as D. Maria Eduarda da Cunha Pereira, esposa do sr. Anselmo Lopes, D. Maria da Luz Azevedo, esposa do sr. António Augusto Alves do Novo Júnior, D. Conceição Barata Freire de Lima e D. Maria Fernanda Ferrão Tavares; o sr. Alfredo Esteves; a menina Olga Maria Fino da Cruz, filha do sr. Celso da Cruz Maldonado; e o menino José Tavares, filho do sr. Darlindo Tavares.

Em 31 — As sr.as D. Maria Luísa Soares da Costa Ferreira Rocha, esposa do sr. Eng.º João de Deus Faria Rocha, D. Maria Adelaide Barreto Cerqueira, esposa do sr. Henrique Carlos Prudêncio, D. Maria Antonieta Ribeiro do Vale Guimarães, espesa do sr. Carlos Augusto do Vale Guimarães, D. Maria Isabel da Conceição Silva Morais Calado, esposa do sr. Aurélio Morais Calado, e D. Túlia Cândida Alves de Morais Calado, filha do sr. José da Purificação Morais Calado; os srs. Severim Duarte e Torcato Ferreira Lopes, filho do sr. Alberto Lopes Antão; e o menino Fernando Manuel Pinho Cardoso, filho do sr. Manuel Fernando Cardoso.

Em 1 de Novembro — As sr.as D. Olga da Cruz Martins das Santos Magalhães, esposa do sr. A'lvaro Júlio dos Santos Magalhães, Prof.ª D. Maria Alice da Graça e Melo, D. Maria Martins Canha, esposa do 1.º Sargento da Armada sr. Manuel Andrade de Carvalho, e D. Maria Lénia Paula Lebre Neto, esposa do sr. Manuel da Silva Neto; os srs. Eugénio Gonzolez Peña e Albano Duarte Silva; e o menino António Cândido, filho do sr. Eng.º António Rodrigues Marinheiro.

Em 2 — A sr.ª D. Maria Luísa Fernandes Pereira, esposa do sr. José Maria Barradas Cardoso.

DOENTES

★ Foi operada no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, na segunda-feira, a sr.ª D. Aldina Mendes Bulhão, esposa do sr. Artur Magalhães Amador.

★ O nosso bom amigo sr. Jeremias dos Santos Moreira deu entrada no Hospital da Misericórdia, onde se encontra em tratamento.

★ No Porto, no Hospital do Carmo, continua enfermo o nosso conterrâneo e amigo sr. Antero dos Santos.

★ Também estiveram doentes os srs. Américo Gomes Pimenta e Humberto Jorge Mendes Leal, nosso apreciado colaborador.

Aos enfermos desejamos rápido e completo restabelecimento.

A CIDADE

SERVIÇO DE FARMACIAS

Sábado	SAÚDE
Domingo	OUDINOT
2.ª feira	MOURA
3.ª feira	CENTRAL
4.ª feira	MODERNA
5.ª feira	A L A
6.ª feira	M. CALADO

Natal dos Soldados Aveirenses no Norte de Angola

À semelhança do que se fez no ano passado, estão a recolher-se donativos para a celebração do Natal dos indígenas do Distrito do Uige, no norte de Angola, e dos inúmeros soldados do Distrito de Aveiro que ali se encontram a defender a soberania de Portugal.

A iniciativa é digna de todo o aplauso.

Apelamos para a generosidade dos aveirenses, cujas lembranças (em roupas, conservas, doces e frutas secas, tabaco, brinquedos ou dinheiro) podem ser entregues na Rua do Dr. Nascimento Leitão, n.º 4, ou na Redacção do Litoral.

Dr. Jorge da Fonseca Jorge

Após mais de seis anos de exercício das elevadas funções de Delegado em Aveiro do I. N. T. P., foi transferido para o Porto, onde vai desempenhar idêntico cargo, o sr. Dr. Jorge da Fonseca Jorge. A posse ser-lhe-á conferida hoje, nesta última cidade, pelo sr. Ministro das Corporações.

No nosso Distrito, o distinto funcionário do Ministério das Corporações fez obra notável, tanto mais de relevar quanto é certo tratar-se duma região que, por altamente industrializada, fornece constantes e importantes problemas sociais e laborais, que importa resolver como senso, acuidade e constante diligência.

Estas qualidades as possui, é em alto grau, o sr. Dr. Jorge da Fonseca Jorge.

Por isso muito lastimamos que as exigências de serviço o afastem da nossa terra, onde, por suas qualidades e lhano trato, conquistou gerais e merecidas simpatias.

★ Dignou-se o sr. Dr. Jorge da Fonseca Jorge endereçar-nos amáveis cumprimentos de despedida. Gratos pela deferência.

★ Ao ilustre Delegado do I. N. T. P. ser-lhe-á oferecido, pelos seus numerosos admiradores e amigos, um jantar de homenagem e despedida, que se realizará no salão de festas, do Cine-Teatro Avenida na noite de 5 de Novembro próximo.

As inscrições podem fazer-se na sede do Grémio do Comércio do Concelho de Aveiro.

Festa de Cristo-Rei

Assinalando a passagem de mais um aniversário, a Acção Católica Portuguesa realiza, amanhã, a celebração da Festa de Cristo-Rei.

Em Aveiro, no gindsio do Liceu, e com início às 15.30 horas, a Junta Diocesana daquele organismo promove uma sessão solene, cujo programa é o seguinte:

1—Hino da Acção Calólica. 2—Palavras de saudação, pelo sr. Pedro Grangeon Ribeiro Lopes. Presidente da Junta Diocesana da A. C. 3 —Conferência da sr.ª Dr.ª D. Maria Emília Lobo Alves, Assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob o tema «Um Concílio na Igreja». 4—Conferência do sr. Doutor José Veiga Beirão, Professor Catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, sob o tema «Evolução das Ideias na Física e o Conhecimento Humano». 5—Encerramento, pelo Rev.º Vigário Capitular de Aveiro, Mons. Júlio Tavares Rebimbas.

Missas de Fiéis Defuntos

Na igreja das Carmelitas

Como de costume, no dia 2 de Novembro, haverá, na igreja das Carmelitas, um terno de missas, que se iniciará às 6 horas.

Na igreja da Misericórdia

Neste templo, no Dia de Fiéis Defuntos, rezam-se dois ternos de missas, o primeiro às 7 horas e o segundo, às 8 horas.

Às 12.30 horas, será rezada outra missa.

Conservatório Regional de Aveiro

Abertura das aulas dos Cursos de Música

As aulas dos Cursos de Música deste estabelecimento de ensino terão início no próximo dia 5 de Novembro.

A Direcção do Conservatório lamenta que não tenha sido possível começar mais cedo as actividades escolares, mas a verdade é que só agora se venceram certas dificuldades relacionadas com a sua instalação em casa alugada para o efeito.

Curso de Francês

Com o propósito de proporcionar a quantos desejam frequentar as aulas de Francês a possibilidade de o fazerem, e pondo de parte as suas próprias conveniências, as professoras do Curso de Francês resolveram prolongar as aulas por mais uma hora.

Assim, a partir do dia 3 do próximo mês de Novembro, as aulas terão o seguinte horário:

1.º e 2.º Anos — duas turmas, sendo uma às 18 e outra às 20 horas; *3.º Ano* — terá, também, duas turmas, que funcionarão às 17 e às 19 horas; *4.º Ano e Curso Superior* — continuam às 19 e às 17 horas, respectivamente, cada um com uma turma.

Dentro deste horário, os alunos dos 1.º, 2.º e 3.º anos podem escolher qualquer das horas indicadas.

Continuam abertas as inscrições — pelo que é de esperar que os aveirenses saibam aproveitar o ensejo para se matricularem neste utilíssimo Curso.

ALFERES AVIADOR JORGE LACHAUD

Missa de 30.º dia

Tendo-se registado o infausto acontecimento que enlutou a B. A. 7, com o desastre mortal de um dos seus oficiais, no dia solene do Juramento de Bandeira na Unidade dos novos, alunos-pilotos, manda o Comandante da Base, com a solidariedade de todos os colegas Oficiais, no trigéssimo dia do falecimento, celebrar na Sé de Aveiro, pelas 9 horas da manhã do dia 30 de Outubro corrente, uma missa por alma do saudoso Alferes Lachaud, que, com dignidade e aprumo, serviu a Força Aérea Portuguesa.

Desde já o Comando da B. A. 7, agradece a presença das pessoas que se dignem assistir ao piedoso acto.

O COMANDANTE,

Alberto Manuel Lopes Magro

TENENTE-CORONEL

PROBLEMAS DO SAL

No sábado passado, cerca de 300 proprietários e marnotos reuniram-se, no amplo salão de festas das Fábricas Aleluia, num jantar de homenagem ao nosso colaborador Dr. António Christo, ao sr. Dr. Vítor Gomes, presidente do Grémio da Lavoura, ao sr. Eng.º Carlos Maia e ao *Litoral*, por motivo da acção que têm desenvolvido em defesa dos legítimos interesses da produção salineira e da qual resultou já a recente actualização dos preços do sal.

Presidiu o Governador Civil substituto, sr. Dr. António Fernando Marques, vendo-se na mesa de honra, além dos homenageados, os srs. Dr. A'lvaro da Silva Sampaio, Eng.º José Gamelas Júnior, Dr. José Couceiro, Eng.º Manuel Simões Pontes, Elias Gamelas de Oliveira Pinto, Prof. João de Pinho Brandão, Eng.º João Cândido Ventura da Cruz e outras individualidades.

Durante o jantar, que decorreu num ambiente simpático de franca camaradagem, foram recebidos telegramas e telefonemas de alguns que, impossibilitados de assistir, quiseram associar-se à homenagem, sendo de salientar os dos proprietários e marnoteiros do Salgado da Figueira da Foz.

Um marnoto do Sálgado de Aveiro, que escondeu o seu nome so as iniciais J. G., fez espalhar pelas mesas uns impressos nos quais, em linguagem despretensiosa e de notável sinceriedade, apelava para a união de todos os produtores salineiros.

Em determinada altura, usaram da palavra o sr. Eng.º José Gamelas Júnior, em nome da comissão promotora da homenagem, o proprietário sr. Dr. A'lvaro da Silva Sampaio, antigo presidente da Câmara Municipal de Aveiro, e o marnoto sr. Manuel da Cruz Regala. Todos fizeram considerações muito judiciosas sobre diversos problemas salineiros, sendo por isso fartamente aplaudidos, e salientaram o trabalho dos homenageados, o que provocou repetidas manifestações de simpatia.

Nos seus agradecimentos, o sr. Eng.º Carlos Maia, o nosso colaborador Dr. António Cristo, o sr. Dr. Vítor Gomes e o director do *Litoral* abordaram também algumas questões de grande interesse para a produção salineira e para a economia regional, sendo frequentemente interrompidos com grandes ovações.

Houve ensejo de salientar o injustificado procedimento do presidente da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos, que acarretou aos salgados de Aveiro e da Figueira da Foz prejuízos no montante de milhares de contos, e de agradecer ao sr. Secretário de Estado do Comércio o despacho que reajustou os preços do sal, que de modo algum compensa os gravíssimos prejuízos impostos durante longos anos, mas que é já reconhecimento da justiça devida aos produtores salineiros e começo de uma reparação.

Salientaram-se os prestimosos serviços dos que, além dos homenageados, contribuiram para o esclarecimento de muitos problemas que interessam à produção salineira: os produtores srs. Eng.º Carlos Gamelas Gomes Teixeira e José Gamelas Júnior e os marnotos srs. Plácido Rito Nunes, Domingos da Silva Cravo Novo, Joaquim Gonçalves da Loura e João da Costa; o deputado sr. Dr. Paulo Cancela de Abreu, que por mais de uma vez ventilou a questão dos preços na Assembleia Nacional; o falecido Governador Civil de Aveiro, sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva, e o nosso conterrâneo sr. José Barreto Ferraz Sacchetti, que, mercê das funções que desempenhavam e no exercício delas, puderam esclarecer muitos factos que andavam deturpados; as autoridades locais e a Imprensa regional, que secundaram as legítimas pretensões da produção; os produtores salineiros da Figueira da Foz srs. Dr. João Gordilho Bagão e António dos Santos Lima, infatigáveis nos seus conscienciosos trabalhos e na sua constante colaboração; e o sr. Prof. Eng.º Castro Caldas, a quem em boa hora foi cometido o estudo dos custos da produção e que se houve como era de esperar do seu profundo saber e da sua exemplar probidade.

Abordaram-se alguns problemas, relativos à produção e à comercialização do sal, que reclamam cuidadoso estudo e permanente vigilância, problemas que poderão resolver-se através de uma organização mais eficiente da produção salineira. Neste sentido se trabalha agora, sendo de louvar a colaboração dispensada pelo sr. Eng.º Manuel Simões Pontes aos encarregados de estudar a organização que se pretende. Através dela se espera, muito fundadamente, garantir à produção salineira, sem prejuízo dos *legítimos* interesses do comércio e do consumo, a posição a que tem incontestável direito no quadro das actividades nacionais; e através dela se hão-de também assegurar, de um modo prático, o futuro dos marnotos, renumerando convenientemente o seu árduo trabalho e acautelando-os suficientemente, e às suas famílias, contra os riscos das doenças, da invalidez, da velhice e da morte.

O anúncio de que este trabalho se encontra já adiantado e será dentro em breve submetido à apreciação do Grémio da Lavoura e, depois, à dos proprietários e marnotos, arrancou calorosos aplausos.

Foram enviados telegramas de saudação e de agradecimento aos srs. Secretário de Estado do Comércio e Vice-presidente da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos, ao qual se pediu uma visita ao Salgado de Aveiro, e ainda ao sr. Prof. Eng.º Castro Caldas.

Depois de haver entregue aos homenageados significativas lembranças, o sr. Governador Civil substituto felicitou os promotores da justa homenagem, evocou o trabalho discreto mas persistente do malogrado Dr. Jaime Ferreira da Silva, teve palavras de elogio para os drs. António Cristo, Vítor Gomes e Eng.º Carlos Maia, assim como para a acção desenvolvida pelo *Litoral*, e terminou salientando os nobres sentimentos de gratidão dos proprietários e marnotos ali reunidos.

Informam-nos de que a comissão promotora da homenagem, tendo apurado um saldo de contas, o destina, por sugestão do nosso colaborador Dr. António Cristo, à celebração do Natal dos soldados aveirenses que defendem a soberania de Portugal no norte de Angola.

Dois aspectos da assistência ao jantar de confraternização e homenagem dos salineiros aveirenses

Câmara Mu l de Aveiro

Conv tória

Nos ter o disposto no Art.º do Código Administrat onvoco o Conselho cipal para uma sessão ordinária, a realizar no do próximo mês de N ro, pelas 15 horas, com uinte ordem do dia:

a) — *Dis e aprovação do delibera reunião ordinária da a, realizada em 19 do e mês, sobre a venda de os em lotes nas Ruas d cipe Perfeito e do Dr. ento Leitão.*

Paços oncelho de Aveiro, 26 d bro de 1962

O Presid a Câmara,

a) — *Henriq Mascarenhas* E r.º

Novos êxitos de VASCO BRANCO

Tendo, ainda recentemente, obtido em Viena de Áustria, no Festival Internacional da UNICA, a que acorrem os melhores filmes de amadores de todas as latitudes, o «Diplome d'Honneur», com o filme «O Espelho da Cidade» — magnífico cartaz de Aveiro, que, assim, está a correr Mundo —, o Dr. Vasco Branco conseguiu agora novo triunfo, na Bélgica, no Festival Internacional do Clube de Huy, conquistando duas medalhas de bronze e, ainda, o «Prémio do Melhor Filme de Família», com as suas magníficas produções «O Menino e o Caranguejo» e «Circo e... Etc.».

Muito nos congratulamos com mais estes notáveis êxitos do nosso amigo e colaborador e grande artista aveirense.

AGRADECIMENTO

Sensibilizada com a homenagem que os Excelentíssimos Produtores do Salgado de Aveiro e respectiva Comissão Organizadora prestaram às individualidades que se têm interessado pelos seus problemas, a *Direcção do Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo* torna público o seu profundo reconhecimento.

Comemorações do Centenário da Morte de José Estêvão

Da Câmara Municipal, recebemos o seguinte comunicado:

A Comissão encarregada pela Câmara Municipal de Aveiro de realizar as Comemorações do Centenário da Morte de José Estêvão Coelho de Magalhães anunciou em tempo o seu melhor propósito de o fazer condignamente, depois de assim ter deliberado, na sua primeira reunião efectuada em Fevereiro do ano corrente.

Depois de muitas diligências e preocupações, organizou um programa que foi publicado nos jornais locais do dia 13 deste mês.

Esse programa, elaborado com prudente cuidado e com os elementos de que a Comissão Municipal até então dispunha, mereceu reparos da população aveirense, nomeadamente no que se referia ao cortejo cívico desde sempre programado. Como o desejo desta Comissão Municipal foi sempre o de trabalhar em harmonia com toda a população interessada, aceitaram-se as sugestões apresentadas e foi resolvido dar a esse cortejo uma amplitude maior, compatível com o desejo geral de nele se poderem incorporar e manifestar o seu civismo, numa grande homenagem à memória do insigne aveirense que tanto contribuiu para o prestígio e engrandecimento da sua terra.

Deste modo, aumentando-se a extensão do cortejo cívico, justificava-se que nele se incluisse um discurso de exaltação à memória de José Estêvão, para o que foi convidado o Ex.mo Senhor Dr. Francisco José Rodrigues do Vale Guimarães, que gentilíssimamente aceitou; e, ainda pelas razões expostas, tornou-se imparticável a realização do cortejo no dia e na hora já mencionados. De tudo o que fica exposto resultou a necessidade de remodelar o programa que, em definitivo, fica estabelecido como segue.

Dia 3 — *14.30 horas* — Grande cortejo cívico de romagem ao Cemitério Central;

17.30 horas — Inauguração da iluminação da Estátua de José Estêvão;

Dia 4 — *11.30 horas* — Abertura da exposição bio-biblio-iconográfica, no Museu Regional;

15 horas — Sessão Solene no Teatro Aveirense.

Por este meio é convidada a população de Aveiro, quer por si, quer pelas suas agremissões representativas, a participar nas várias rubricas deste programa, dando às Comemorações o brilho e o entusiasmo da sua muita admiração pela memória do grande aveirense que se homenageia.

Quanto ao cortejo, a concentração faz-se às 14 horas no Largo do Mercado, devendo as deputações das agremissões e organismos representativos fazer-se acompanhar dos seus estandartes. O desfile inicia-se às 14.30 horas, passando pela Rua do Engenheiro Silvério Pereira da Silva, Avenida Doutor Lourenço Peixinho, Ponte Praça, Rua de Coimbra e Praça da República, aonde se fará nova concentração. Uma vez concluída essa concentração, só os porta-estandartes se devem deslocar para rodear a estátua de José Estêvão.

Neste momento, será descerrada a lápida comemorativa oferecida pela Câmara Municipal de Aveiro e proferido um discurso de homenagem a José Estêvão, pelo Ex.mo Senhor Dr. Francisco do Vale Guimarães.

Terminados estes actos, o Cortejo prosseguirá, com a mesma ordem. pelas ruas de Gustavo Ferreira Pinto Basto, Capitão Sousa Pizarro, Miguel Bombarda, Santa Joana e Batalhão de Caçadores 10, até ao Cemitério Central. Segue-se o desfile dentro do Cemitério, de modo a que todo o Cortejo passe junto da porta do Jazigo-Capela onde repousam os restos mortais de José Estêvão. Terminado esse desfile, será rezada Missa de Sufrágio.

Findo este acto, será inaugurada a iluminação da Estátua, na Praça da República.

A exposição bio-biblio-iconográfica, a inaugurar no dia 4, pelas 11 30, estará aberta durante 15 dias, podendo cotinuar além desse período se a afluência de visitantes o justificar.

Pede-se aos organismos representativos o obséquio de emprestarem os respectivos estandartes, para com eles se engalanar o Teatro Aveirense, durante a Sessão Solene.

Solicita-se ainda aos ocupantes dos prédios situados nas Ruas do percurso do cortejo que coloquem colchas nas janelas, à passagem do mesmo Cortejo.

FAZEM ANOS

Hoje, 27 — Os srs. José das Neves Limas, Adélio Simões Miranda e Tenente Natividade e Silva; a menina Maria Eduarda, filha do sr. Armindo Ferreira; e os meninos Cesário Humberto da Graça e Melo, Joaquim Manuel Costa, filho do sr. Joaquim Costa, encarregado de «A Lusitânia»; e António das Neves, empregado em «A Lusitânia».

Amanhã, 28 — A sr.ª D. Maria Adelaide Ferreira Novo, esposa do sr. Major-aviador João da Cruz Novo; o sr. José Luís Gamelas Costa, e o menino José Manuel Figueiredo de Resende Feio, filho do sr. José de Resende Feio, ausentes em Luanda.

Em 29 — Os srs José Vieira Barbosa e João António Soares Ferreira.

Em 30 — As sr.as D. Maria Eduarda da Cunha Pereira, esposa do sr. Anselmo Lopes, D. Maria da Luz Azevedo, esposa do sr. António Augusto Alves do Novo Júnior, D. Conceição Barata Freire de Lima e D. Maria Fernanda Ferrão Tavares; o sr. Alfredo Esteves; a menina Olga Maria Fino da Cruz, filha do sr. Celso da Cruz Maldonado; e o menino José Tavares, filho do sr. Darlindo Tavares.

Em 31 — As sr.as D. Maria Luísa Soares da Costa Ferreira Rocha, esposa do sr. Eng.º João de Deus Faria Rocha, D. Maria Adelaide Barreto Cerqueira, esposa do sr. Henrique Carlos Prudêncio, D. Maria Antonieta Ribeiro do Vale Guimarães, espesa do sr. Carlos Augusto do Vale Guimarães, D. Maria Isabel da Conceição Silva Morais Calado, esposa do sr. Aurélio Morais Calado, e D. Túlia Cândida Alves de Morais Calado, filha do sr. José da Purificação Morais Calado; os srs. Severim Duarte e Torcato Ferreira Lopes, filho do sr. Alberto Lopes Antão; e o menino Fernando Manuel Pinho Cardoso, filho do sr. Manuel Fernando Cardoso.

Em 1 de Novembro — As sr.as D. Olga da Cruz Martins dos Santos Magalhães, esposa do sr. A'lvaro Júlio dos Santos Magalhães, Prof.ª D. Maria Alice da Graça e Melo, D. Maria Martins Canha, esposa do 1.º Sargento da Armada sr. Manuel Andrade de Carvalho, e D. Maria Lénia Paula Lebre Neto, esposa do sr. Manuel da Silva Neto; os srs. Eugénio Gonzolez Peña e Albano Duarte Silva; e o menino António Cândido, filho do sr. Eng.º António Rodrigues Marinheiro.

Em 2 — A sr.ª D. Maria Luísa Fernandes Pereira, esposa do sr. José Maria Barradas Cardoso.

DOENTES

★ Foi operada no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, na segunda-feira, a sr.ª D. Aldina Mendes Bulhão, esposa do sr. Artur Magalhães Amador.

★ O nosso bom amigo sr. Jeremias dos Santos Moreira deu entrada no Hospital da Misericórdia, onde se encontra em tratamento.

★ No Porto, no Hospital do Carmo, continua enfermo o nosso conterrâneo e amigo sr. Antero dos Santos.

★ Também estiveram doentes os srs. Américo Gomes Pimenta e Humberto Jorge Mendes Leal, nosso apreciado colaborador.

Aos enfermos desejamos rápido e completo restabelecimento.

Círculo Experimental de Teatro de Aveiro

«Godot» volta a Aveiro e vai ao Porto

Por motivos muito de ponderar e não difíceis de presumir, entre os quais é devido mencionar os convites de deslocações e a decisão de recomeçar novos trabalhos, o CETA julgou não apresentar de novo em Aveiro a peça de Beckett. Uma vez, porém, que para tal foi convidado pelo Movimento Nacional Feminino, o CETA entendeu que não podia deixar de colaborar, o que faz com o maior entusiasmo, para tão humanitária e patriótica campanha como é a do *Natal do Soldado,* para a qual se destina a receita do espectáculo que o CETA mais uma vez vai apresentar no *Aveirense* em princípios de Dezembro.

Entretanto, com negociações já entabolados com uma das melhores salas de espectáculos do Porto, o CETA acaba de ser convidado também pelo TEP para se deslocar àquela cidade.

A Cidade e o CETA

Por diversos motivos, o *Círculo Experimental de Teatro de Aveiro* julga ser estrito dever seu exprimir pùblicamente o seu mais sincero agradecimento a todas as entidades aveirenses, as quais, tendo o suficiente discernimento de ver que, no Prémio Nacional conquistado pelo CETA, havia também uma exaltação da cidade, tiveram a penhorante hombridade e sentido bairrismo de manifestarem a sua congratulação pelo êxito alcançado.

E o agradecimento do CETA é tanto mais imperioso e a sua manifestação tanto mais imprescindível, quanto ele sabe e quer confirmar:

1) — desejando, mais que tudo, trabalhar em prol dum bom Teatro para um melhor nível cultural, o CETA mais estima as espontâneas manifestações particulares do que aplausos multitudinários ou protocolares recepções oficiais, manifestações ruidosas, aliás denotando ao menos bairrismo, como, em casos similares, alguns se realizaram;

2) — sabendo que consigo, inevitàvelmente, está associado o nome de Aveiro, o CETA admite, e agradece, essas manifestações de colectividades que, embora com uma finalidade específica nos seus actos, nem por isso deixam de ter na sua existência o mesmo fim comum — o bem das nossas gentes e o nome da nossa terra!

Por isso, nessa simpatia manifestada se vê, não um motivo de devaneio, mas um fundamento de estímulo, tanto mais apreciável quanto mais certo é o alheamento de certos... e quanto mais consciente se torna que o CETA, agora mais que nunca, sente sobre os seus ombros o peso da «nobreza conquistada que obriga a novas conquistas», com as quais a cidade se vai solidarizando.

Abertura da Época

A abrir a época teatral de 1962-63, o CETA deve apresentar uma das mais representativas obras dum clássico inglês.

Para possibilitar a apresentação deste e doutros originais, está aberta a inscrição para o elenco artístico e técnico do CETA na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 121.

Campeonato Nacional da II Divisão

RESULTADOS DO DIA

Boavista — Braga	3-2
Sanjoanense — Marinhense	0-2
Beira-Mar — Covilhã	0-0
Castelo Branco — Académico	1-1
Varzim — Oliveirense	2-0
Vianense — Espinho	3-1
Leça — Salgueiros	2-1

BREVE COMENTÁRIO

A ronda de abertura não foi favorável à representação aveirense, que não conseguiu qualquer êxito: Espinho e Oliveirense perderam, naturalmente, em Viana e na Póvoa, enquanto a Sanjoanense foi batida, em «casa», pelo Marinhense, e o Beira-Mar, também no seu campo, cedeu um empate ao Covilhã.

Ao invés, a jornada decorreu de forma propícia para os grupos portuenses, que alcançaram três vitórias (Boavista, Varzim e Leça) contra uma única derrota (Salgueiros), esta, aliás, num prélio entre equipas da mesma Associação...

Feita esta resenha, apenas falta falar de um jogo — precisamente o único em que não foram contendores grupos de Aveiro ou do Porto... Trata-se do Castelo Branco — Académico, que finalizou com um empate, resultado magnífico para os visienses, agora regressados à II Divisão.

Conquistando pontos na situação de visitantes, ganharam as honras da jornada o Marinhense, o Covilhã e o Académico.

Além deste trio, compreensìvelmente em grande evidência, será de salientar também a auspiciosa estreia na competição dos grupos leceiro e poveiro: este a confirmar um firme e positivo valor evidenciado nas jornadas da Taça; e aquele porque se impôs a um adversário que pertencera, na época anterior, à I Divisão...

Em subsequente apontamento, e pelos desfechos de domingo poderá vislumbrar-se, arriscamos o vaticino, que, este ano, a prova vai ser muito renhida, dura e difícil — sobretudo para as turmas com aspirações ao primeiro posto. E' que, segundo opinião que certamente iremos ver totalmente comprovada, os favoritos — sobre serem vários... — terão de jogar autênticas finais domingo após domingo...

Finalizando, duas notas:

— a primeira, referindo que a jornada foi de poucos golos (18), tendo ficado quatro grupos em branco; e

— uma outra, lamentando que a ronda tenha sido minimizada por incidentes no jogo Boavista —Braga, em que se verificou uma expulsão.

JOGOS PARA AMANHÃ

Braga — Leça
Marinhense — Boavista
Covilhã — Sanjoanense
Académico — Beira-Mar
Oliveirense — Castelo Branco
Espinho — Varzim
Salgueiros — Vianense

BEIRA-MAR, 0 COVILHÃ, 0

Jogo em Aveiro, no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Reinaldo Silva, de Leiria, coadjuvado pelos srs. Manuel Soares (bancada) e José Agostinho (peão).

Beira-Mar — Pais; Valente, Liberal e Moreira; Brandão e Jurado; Miguel, Laranjeira, Teixeira, Chaves e Romeu.

Covilhã — Almenara; Nogueira, Couceiro e Corelles; Làzinha e Espirito Santo; Manteigueiro, Adriano, Nartanga, Pedro Silva e Amilcar.

O empate não se ajusta ao desenrolar do prélio, em que os beiramarenses jogaram sempre ao ataque, mas sem êxito, e o grupo serrano se limitou a defender o empate, no que foi feliz.

Na verdade, os locais dominaram territorialmente durante os noventa minutos, sendo até frequente, no segundo tempo, verem-se os *backs* do Beira-Mar colocados na linha divisória do campo. Simplesmente, do intenso e avassalador ascendente territorial dos negro-amarelos não surgiram os golos a que a equipa fez jus e bem merecia ter obtido.

A finalização não foi famosa, por um lado; e, por outro, o *super-ferrolho* dos leões da serra (com certos elementos a cometerem faltas consecutivas, pela sua toada ríspida e demasiado enérgica) criou muitos e insolúveis problemas aos beiramarenses.

No entanto, e embora haja sacrificado um ponto ante um dos

Continua na página 10

A Festa de VIOLAS

Como o LITORAL teve já ensejo de noticiar, o dedicadíssimo e valoroso guardião beiramarense João Martins, que todos os desportistas conhecem por VIOLAS, vai ser homenageado no dia 4 de Novembro próximo.

A merecidíssima festa de homenagem é promovida pela Tertúlia Beiramarense e pela Comissão Pró-Beira-Mar, com patrocínio da Direcção do Clube. Incluirá, como aqui dissemos, uma parada atlética das colectividades do Distrito de Aveiro, e ainda uma largada de pombos-correios — além de dois desafios de futebol: no primeiro, defrontam-se os teams populares do Gafanhense e do Quintagoense; e, no outro, o Beira-Mar joga com o Desportivo da C. U. F..

Na próxima semana, e mais de espaço, voltaremos a falar da justíssima homenagem a VIOLAS — que será galardoada pela Federação Portuguesa de Futebol com a Medalha de Bom Comportamento Desportivo, e cujo elogio será feito pelo Dr. David Cristo, Director do LITORAL.

XADREZ DE NOTÍCIAS

O jogo Beira-Mar — Covilhã teve uma receita de 19 505$00. Venderam-se 1703 «peões», 91 «bancadas» e 125 bilhetes de menores.

No Rinque do Parque foi instalada uma confortável bancada metálica, melhoramento que muito agradará ao público das modalidades praticadas naquele recinto.

Pediu a demissão de treinador do Recreio de A'gueda o técnico Pedro Costa, que ingressou no Beira-Mar para massagista-enfermeiro.

Para a vaga de Pedro Costa, os aguedenses receberam logo diversas propostas; dentre elas, destacam-se as dos antigos internacionais Feliciano e Martins (do Sporting,) do espanhol Saura e do portuense Amâncio Nogueira.

Na Associação de Andebol de Aveiro, já se filiaram, este ano, os seguintes clubes: Amoníaco, Atlético Vareiro, Avanca, Espinho e Sanjoanense.

Académica, Beira-Mar e Escola Livre devem igualmente filiar-se, dentro de breve lapso de tempo. E, ao que sabemos, é ainda possível que a estes clubes se venha também juntar o Académico de Viseu.

O grupo de basquetebol do Recreio de A'gueda está agora a ser orientado pelo sr. Capitão Pinto Simões

Continua na página 10

Basquetebol

Campeonato Distrital da I Divisão

Realizadas que foram as duas primeiras jornadas da competição, logo nos surgiu um guia isolado — o Sangalhos, única equipa cem por cento vitoriosa. No outro topo da tabela, queda-se, com duas derrotas, outra equipa bairradina (Recreio de Águeda).

Dos oito encontros efectuados até ao momento nos passados sábado, domingo e segunda-feira, damos. a seguir breves resenhas:

Cucujães, 31 Illiabum, 28

Jogo no Parque «Castro Lopes». Arbitraram os srs. Albano Baptista e Manuel Arroja, e os grupos apresentaram:

CUCUJÃES — João Ramalhosa 3-6, Morais, 2-4, Andrade, Pinto 8 2, Pereira 4-0, Costa 0-2 e Mário Augusto.

ILLIABUM — Vinagre 0-2, Júlio, Elmano 2-2, Cachim 0-4, Rosa Novo, 13-5, Pessoa e Coelho.

1.ª parte: 17-15. 2.ª parte: 14-13.

Partida equilibrada, animosa e pobre de técnica — com êxito do grupo mais feliz na ponta final.

Sanjoanense, 34 Recreio, 22

Jogo no Pavilhão dos Desportos, sob arbitragem dos srs. Vítor Couto e Manuel Gonçalves. Equipas e marcadores:

SANJOANENSE — Aureliano 6-6, Tavares 0-2, Daniel 2-0, Carlos Alberto, Costa 6 6, Manuel 0-5 e Carlos Silva 1-0.

RECREIO — Massadas 0-2, Cunha 6-2, Santos 0-4, Bela 1-5, Rocha 0-2 e Rui Luís.

1.ª parte: 15-7. 2.ª parte: 19-15.

Os visitados sentiram certas dificuldades, mas ganharam com justiça.

Sangalhos, 44 Galitos, 28

Jogo no Campo do Colégio. Arbitraram os srs. Carlos Neiva e Manuel Bastos e as turmas utilizaram:

SANGALHOS — Alexandre, Carmona 3-0, Amândio, Valdemar 8-7, Alberto 0-4, Portugal 4-10, Afonso 0-7 e Garcia Alves 1-0.

GALITOS — João 0-2, José Fino 4-4, Raul 7-2, Encarnação 2-7, Júlio 0-2, Vieira e Madail.

1.ª parte: 16-11. 2.ª parte: 28-17.

Os campeões regionais obtiveram um triunfo merecidíssimo; mesmo apesar de pouco rodados, os bairradinos impuseram-se aos alvi-rubos — este ano com um *cinco* remoçado.

Os aveirenses, igualmente sem a necessária rodagem, foram batidos sem apelo; todavia, o grupo é susceptível de melhorar consideràvelmente.

Esgueira, 37 Amoníaco, 27

Jogo no Campo da Alameda, sob a direcção dos srs. Albano Baptista e Manuel Arroja. Os grupos formaram:

ESGUEIRA — José Calisto, Ravara 0-2, Manuel Pereira 6-6, Matos 5-2, Cotrim 0-4, Fernando Vinagre 0-2 e Raul 4-6.

AMONÍACO — Necas 2-3, Ramos 5-2, Arlindo 4-7, Costa, Virgílio, Matos 0-2, Évora 0 2 e Eng.º Drumond.

1.ª parte: 15-11. 2.ª parte: 22-16.

As excelentes exibições de Ravara e Manuel Pereira garantiram o precioso êxito dos esgueirenses, sempre muito discutido (e valorizado, como é óbvio) pelos estarrejenses.

Illiabum, 65 Sanjoanense, 42

Jogo no Parque Municipal, sob arbitragem dos srs. Manuel Bastos e Manuel Arroja.

ILLIABUM — Vinagre 6-5, Pessoa 2-0, Elmano 5-5, Cachim 2-6, Rosa Novo 18-10, Narsindo, Élio, João Pedro 0-2, Júlio 0-2 e Coelho 2-0.

SANJOANENSE — Tavares 2-0, Aureliano 6-2, Mendes 2-2, Manuel 5-15, Mário Sadi 2-3, Carlos Alberto 0-3 e Pereira.

1.ª parte: 35-17. 2.ª parte: 30-25.

Continua na página 10

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 7 DO TOTOBOLA

4 de Novembro de 1962

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Anadia — Ovarense		x	
2	Famalicão — Monção	1		
3	Naval — Marialvas	1		
4	D. Olivais — Casa Pia	1		
5	Loures-Vilafranquense		x	
6	Avintes — Penafiel	1		
7	Académico — Tirsense	1		
8	Amora — Trafaria	1		
9	Sesimbra — Almada			2
10	Moitense-Alcochetense	1		
11	Oviedo — Barcelona		x	
12	Valência—Real Madrid	1		
13	At. Madrid - At. Bilbau	1		

LANCES LIVRES

- Os desportistas Rudolfo Martins Teles (Presidente), António Rino (Secretário) e Manuel Neves (Tesoureiro) são os novos membros da Comissão Distrital de Juízes de Basquetebol de Aveiro.
- Na Secção de Basquetebol do Galitos, passaram a pontificar os seguinte novos dirigentes: Sílvio Pinheiro Palpista, Manuel de Oliveira e Silva, José Porfírio de Carvalho e Silva, Diamantino Manuel Reis Dias e João José Barbosa.
- Além de Carlos Portugal, seu novo treinador-jogador, o Sangalhos reforçou-se com mais cinco basquetebolistas que representavam a Académica: Veloso, Alexandre, Carmona, Luís Alberto e Garcia Alves.
- No Esgueira, verificaram-se os regressos de Manuel Pereira (Sacavenense) e Manuel Matos (Galitos) e o ingresso do jovem Cotrim (Galitos), contrabalançando as saídas de Américo (Sporting), Virgílio (Amoníaco), Armando Vinagre e César — estes ausentes de Aveiro no cumprimento do serviço militar.
- No Amoníaco, além do *colored* Virgílio (ex-Esgueira), ingressou Évora, do Galitos; é ainda possível que venha a pertencer ao conjunto estarrejense o jovem Mendes, também do Galitos.
- Finalmente, é de assinalar o regresso ao Illiabum de Rosa Novo — que alinhou, nas últimas épocas, no Beira-Mar e no Sangalhos.

● FUTEBOL ●

Beira-Mar—Covilhã

adversários tidos como dos seus mais sérios opositores, o onze aveirense produziu uma exibição agradável — que serviu para que certos sectores do público se reconciliassem com a equipa.

E' que, quem viu o desafio com olhos de ver, claramente notou que o Beira-Mar só não venceu por ter contra si a sorte do jogo.

Efectivamente: com a defesa em plano de saliência, dominando sem dificuldade os esporádicos e inconsistentes contra-ataques dos serranos, o Beira-Mar carregou no ataque e forçou os visitantes a árdua tarefa para manterem intactas as suas redes.

Tanto no primeiro tempo, como após o descanso, e por vezes sem conta — de forma obstinada e até incrível! —, os golos negaram-se aos beiramarenses, que, com fibra, ardor e entusiasmo, bem persistiam em remar contra a maré da desfortuna.

E a este querer decidido e firme — um querer autêntico, daqueles que fazem cerrar os dentes—, opuseram-se os covilhanenses com um misto de calma e de medo, defendendo o seu último reduto de qualquer forma, norteados pela ideia de não sofrerem golos: cederam elevado número de *corners*, passaram por transes de enorme aflição e tiveram um *keeper* que, sobre denotar grandes possibilidades, esteve em tarde de excelente fortuna...

Do assédio dos beiramarenses e da réplica dos covilhanenses resultou um factor de valorização e de *suspense* para o encontro, até o derradeiro minuto possuidor do clima emocional das lutas renhidas.

Golos é que não apareceram... Aliás, aos 55 m., ganhou vulto em todo o Estádio a ideia de que o Beira-Mar alcançara um golo. Em remate de Miguel, o espanhol Almenara agarrou a bola bem no alto, com ambas as mãos; na brecha, Teixeira e Romeu acorreram ao lance, e o *keeper* forasteiro, recuando, entrou pelas redes. Considerando, porém, que o centro dianteiro aveirense carregara irregularmente o guardião, o árbitro não considerou o tento legal...

No Beira-Mar — turma tocada pela adversidade —, distinguiram-se Romeu, toda a defesa, e ainda, pelo seu constante apego à luta, Laranjeira, Jurado e Brandão.

No Covilhã — equipa novamente felicíssima em Aveiro —, Almenara brilhou de maneira intensa. Couceiro, Lãzinha, Espírito Santo e Manteigueiro também se evidenciaram.

O árbitro leiriense, com uma ou outra falha, efectuou trabalho bastante agradável e imparcial.

Xadrez de Notícias

O keeper *Balacó, que do Vista-Alegre passou para o Sporting, deverá ingressar agora no Sporting da Covilhã.*

O Beira-Mar vai fazer subir às entidades competentes uma exposição sobre a actuação do árbitro que dirigiu, no domingo, o encontro de juniores Recreio-Beira-Mar.

Durante o mês de Dezembro, vai realizar-se, em Eixo, o I Torneio Particular de Ténis de Mesa.

A Associação de Futebol de Aveiro aplicou, esta semana, os seguintes castigos:

— Suspensão por 4 jogos, *a Miranda e Arrojado II, do Estarreja;* suspensão por 3 jogos, *a Lopes, júnior do Beira-Mar;* suspensão por 1 jogo, *a Fradinho, do Vista-Alegre;* suspensão preventiva, *a Arrojado I, do Estarreja, aos dirigentes Amadeu Marnoto, do Vista-Alegre, e Baltazar Vilarinho, do Beira-Mar, e ao treinador-adjunto do Beira-Mar, Carlos Sarrazola;* e multa de 50$00, *ao Arrifanense.*

PROVAS DISTRITAIS

I DIVISÃO

Resultados da 7.ª jornada:

Recreio - Vista-Alegre . . 10-1
Cesarense - Lusitânia . . . 0-0
Anadia - Paços de Brandão 3-0
Cucujães - Estarreja . . . 4-1
Lamas - Ovarense. . . . 4-1
Bustelo - Alba. 2-1
Esmoriz - Arrifanense . . 1-0

Classificação actual:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Lamas	7	6	1	—	24-5	20
Cesarense	7	4	2	1	13-9	17
Ovarense	7	4	1	2	25-9	16
Lusitânia	7	2	5	—	13-6	16
Anadia	7	4	—	3	17-10	15
Alba	7	3	1	3	19-18	14
Arrifanense	7	3	1	3	14-12	14
Bustelo	7	3	1	3	9-19	14
Recreio	7	3	—	4	14-11	13
P. Brandão	7	3	—	3	11-15	13
Cucujães	7	2	1	4	11-11	12
Esmoriz	7	2	—	5	6-15	11
Estarreja	7	1	2	4	8-18	11
V. Alegre	7	1	1	5	6-32	10

Jogos para amanhã:

Vista-Alegre - Esmoriz
Lusitânia - Recreio
Paços de Brandão - Cesarense
Estarreja - Anadia
Ovarense - Cucujães
Alba - Lamas
Arrifanense - Bustelo

RESERVAS

Resultados do dia:

Sanjoanense - Lusitânia . . 4-0
Cucujães - Feirense . . . 2-4
Beira-Mar - Ovarense. . . 4-1

BASQUETEBOL

Jogo de interesse permanente, pelas elevadas marcações de ambos os contendores; os ilhavenses, em grande plano, ganharam sem discussão.

Amoníaco, 47
Cucujães, 34

Jogo em Estarreja. Arbitraram os srs. Vitor Couto e Manuel Gonçalves, e os grupos apresentaram:

AMONÍACO — Necas 4-10, Ferreira 2-0, Virgílio 5-8, Évora 2-6, Matos, Mário 0-6, Arlindo 2-2 e Eng.º Drumond.

CUCUJÃES — João Ramalhosa 0-2, Costa, Jorge 0-7, José António 6-7, Pinto 8-4 e Mário Ramalhosa.

1.ª parte: 15-14. 2.ª parte: 32-20.

Jogo equilibrado, que os locais só decidiram no período final, mercê de melhor preparação.

Recreio, 30
Sangalhos, 40

Jogo em Águeda, dirigido pelo sr. Albano Baptista. Os grupos apresentaram:

RECREIO — Massadas 2-16, Cunha 2-2, Castro 0-2, Santos 2-0, Bela 0-2, Rui Luís, Rocha 2-0 e Mário.

SANGALHOS — Alexandre 7-2, Carmona 2-4, Amândio 2-0, Valdemar 5-5, Alberto 4-0, Portugal 4-0 e Afonso 4-1.

1.ª parte: 8-28. 2.ª parte: 22-12.

O prélio entre os grupos bairradinos foi caracterizado por ascendência do Sangalhos, até ao intervalo, e por vantagem do Recreio, na segunda parte, em que chegou a vislumbrar-se a hipótese de um sensacional *volte-face*, dada a firmeza da recuperação dos aguedenses.

Galitos, 43
Esgueira, 31

Jogo no Rinque do Parque. Arbitraram os srs. Carlos Neiva e Aureliano Silva, tendo as equipas utilizado:

GALITOS — João 0-6, José Fino 3-2, Raul 1-4, Encarnação 7-7, Júlio 10-3 e Madail.

ESGUEIRA — Raul 0-2, Ravara 4-0, Manuel Pereira 0-6, Matos 4-4, Cotrim 7-4, José Calisto, João Calisto e Fernando Vinagre.

1.ª parte: 21-15. 2.ª parte: 22-16.

O *derby* aveirense foi disputadíssimo, emocionante mesmo. Fortemente incitados por numerosa e ruidosa claque, os esgueirenses causaram grande susto aos alvi-rubros, dado que, a meio do segundo tempo, se encontraram a vencer (25-24 e 27-26) e se revelaram a turma mais consciente e equilibrada.

No entanto, em arrancadas individuais, o Galitos logrou obter vantagem e ganhar jus à vitória, que, todavia, se traduziu em margem exagerada.

Tabela de Classificação

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Sangalhos .	2	2	—	84-58	6
Illiabum . .	2	1	1	93-73	4
Amoníaco .	2	1	1	74-71	4
Esgueira . .	2	1	1	68-70	4
Galitos . . .	2	1	1	71-75	4
Cucujães . .	2	1	1	65-75	4
Sanjoanense	2	1	1	76 87	4
Recreio. . .	2	—	2	52-74	2

★

Os próximos desafios:

HOJE — Sangalhos - Il iabum, Sanjoanense - Cucujães, Amoníaco - Galitos e Esgueira - Recreio.

TERÇA-FEIRA — Illiabum - Esgueira, Cucujães - Sangalhos, Sanjoanense - Amoníaco e Recreio - Galitos.

CONTINUAÇÕES DA PÁGINA NOVE

Recreio - Oliveirense . . . 0-4
Valonguense - Espinho . . 1-4

Jogos para amanhã

Lusitânia - Sanjoanense
Feirense - Cucujães
Oliveirense - Beira-Mar
Espinho - Recreio
Ovarense - Valonguense

Beira-Mar, 4 — Ovarense, 1

Sob arbitragem do sr. Manuel Barbosa, os grupos formaram assim:

Beira-Mar — Sidónio; Albino, Girão e Nunes; Amândio e Virgílio; Gamelas, Correia, Clélio, Ramiro e Calisto.

Ovarense — Reguila; Valente, Peres e Filipe; João e Belchior; Lamarão, Artur, Rui, O'scar e Pode.

Marcadores: CORREIA, (9, 17 e 49 m.) e CALISTO (12 m.), pelo Beira-Mar; e PODE (72 m.), pela Ovarense.

Vitória certa, mas expressão numérica não condizente com o domínio dos locais.

JUNIORES

Resultados do dia:

Recreio - Beira-Mar . . . 4-1
Anadia - Esmoriz 9-0
Ovarense - Alba 1-0
Lamas - Oliveirense . . . 2-3
Feirense - Espinho . . . 2-0

Jogos para amanhã

Esmoriz - Recreio
Beira-Mar - Estarreja
Alba - Anadia
Espinho - Lamas
Oliveirense - Sanjoanense
Arrifanense - Feirense

Recreio, 4 — Beira-Mar, 1

Jogo em A'gueda, dirigido pelo sr. Manuel Lopes, auxiliado pelos srs. Eugénio Azevedo e José Martins da Silva.

Os *teams* apresentaram-se assim formados:

Recreio — Anjos; Figueiredo, Arménio e Balreira; Alberto e David; Isac, Rui, Ruivo, Lilas (Amaro) e Estima.

Beira-Mar — Gonçalves; Morgado, Jacinto e Ricardo; Arménio e Martinho; Barreto (Soeiro), Corte Real, Lopes, Carlos Alberto e Christo.

Marcadores: RUI (20 e 47 m.), RUIVO (31 m.) e DAVID (41 m.), pelos aguedenses; e CHRISTO (54 m.), pelos beiramarenses.

Deve dizer-se, *in limine*, que o Recreio foi um triunfador perfeitamente certo. Nada há, portanto, sobre a justeza da sua vitória: o grupo — com dois belíssimos elementos (Rui e David) — foi sempre mais aguerrido e empreendedor.

Posta esta consideração, há que verberar e dirigir ásperas censuras à actuação do árbitro que, ao longo de todo o encontro, se tornou um autêntico algoz — passe a violência do termo — dos jovens beiramarenses.

Na realidade, é após os naturais receios impostos pela sua fragilidade ante a melhor compleição física dos adversários, os negro-amarelos jamais se libertaram do *complexo-árbitro* — com manifestos reflexos na sua desarticulada actuação (facto que, naturalmente, se traduziu em vantagens para os aguedenses).

Dando, efectivamente, provas de um caseirismo a todos os títulos reprovável, o sr. Manuel Lopes principiou, logo aos 8 m., por anular um golo limpo dos aveirenses; prosseguindo, e em flagrante diversidade de critérios, puniu — por sistema — os jogadores de Aveiro, deixando em claro faltas de idêntica ou maior gravidade, se praticadas pelos aguedenses; aos 39 m., resolveu «inventar» um *penalty* contra os aveirenses — mas o destino encarregou-se de fazer sair torto o pontapé de Rui, que cobrou a penalidade...; aos 60 m., e de forma bárbara, ordenou a expulsão do dianteiro-centro Lopes, quando o beiramarense (dentro do que as leis do jogo lhe consentem) tentava estorvar o *keeper* do Recreio num pontapé de reposição da bola em jogo! — e, no boletim do desafio, teve o desplante (!) de referir que houve agressão do atleta aveireuse a um adversário!; por fim — e para não nos alongarmos, pois este *rosário de arbitrariedades* é sobejamente elucidativo... —, em gritante contradição com o rigor e a sem-razão da atitude assumida para com Lopes, o chefe da equipa de arbitragem (é intencionalmente que omitimos a palavra árbitro) limitou-se a censurar, de longe, e com gestos de quem recomenda calma, o médio aguedense David, quando este, aos 68 m., agrediu a pontapé o negro-amarelo Corte-Real!

Sabemos que errar é humano, e somos, por natureza, propensos à indulgência. Todavia, quanto em A'gueda se passou no domingo, tendo como figura central o sr. Manuel Lopes, ultrapassa os latos limites do nosso perdão e é, na verdade, indesculpável — pelo que merece punição.

É o que se reclama, para prestígio da causa da arbitragem, que bem se sabe ser difícil, espinhosa e ingrata.

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Faz-se público que pelo Segundo Juizo de Direito desta comarca e segunda secção de processos correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados JOSÉ MALAQUIAS FERREIRA e mulher MARIA DOS PRAZERES DOS SANTOS CARAMONETE, ele marítimo e ela doméstica, residentes no lugar de Cimo de Vila, freguesia de Ilhavo, desta comarca, para, no prazo de dez dias, posterior ao dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos na execução de sentença que lhes move Rosa Salgado Costa, viúva, doméstica, da Rua da Capela, da vila e freguesia de Ilhavo, desta comarca, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Aveiro, 18 de Outubro de 1962

O Juiz de Direito,
Francisco Xavier de Morais Sarmento

O Escrivão de Direito,
Armando Rodrigues Ferreira

Litoral ✱ N.º 418-Aveiro, 27-10-1962

MAYA SECO
Médico Especialista
Partos. Doenças das Senhoras
Cirurgia Ginecológica
Consultas às 2.as-feiras, 4.as e 6.as, das 15 às 20 horas
CONSULTÓRIO
Av. do Dr. Lourenço Peixinho, 91-2.º
Telefone 22982
Residência: R. Eng.º Oudinot, 23-2.º
Telefone 22080
AVEIRO

Vende-se

Quinta em Santiago, com frente para a Estrada.
Informa: Manuel Matias — Vilar - Aveiro.

J. Rodrigues Póvoa
EX-ASSISTENTE DA FACULDADE DE MEDICINA
CLÍNICA CARDIOLÓGICA
DOENÇAS DO CORAÇÃO E VASOS
Consultório
Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, 49-1.º D.to
Telef. 23875
Residência
Avenida de Salazar, 46-1.º D.to
Telef. 22750
AVEIRO

Vende-se

Casa de r/c na Rua de S. Martinho — AVEIRO.
Informa esta Redacção.

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª publicação

Pelo 1.º Juizo da comarca de Aveiro e 2.ª secção de processos, pendem uns autos de execução de sentença, em que é exequente Gustavo Marques da Cruz Maia, separado judicialmente de pessoas e bens, residente em Ilhavo e executada Ana Rosa de Brito Alves, doméstica, do mesmo lugar, e, nos mesmos autos, correm éditos de 30 dias, notificando o comproprietário Manuel Marques da Cruz Maia, ausente em parte incerta da América do Norte, mas com o seu último domicilio conhecido, no Corgo Comum, em Ílhavo, de que, por despacho de 9 de Outubro de 1962, foi ordenada a penhora, através da sua notificação, do seguinte:

Metade indivisa de uma terra lavradia, na Atalha, freguesia de I'lhavo, a partir do norte com Marília Marques, sul com herdeiros de António Braz, nascente com vala de água e poente com caminho.

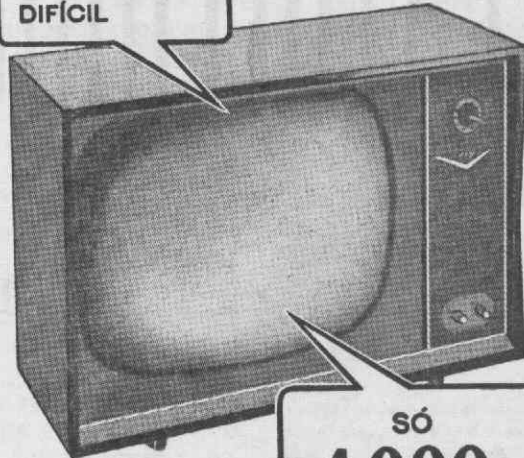
O notificado pode durante o prazo dos éditos ou trez dias após o seu termo, fazer as declarações que entender quanto ao direito da executada e ao modo de o tornar efectivo.

Aveiro, 15 de Outubro de 1962.

O escrivão de direito,
João Alves

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Silvino Alberto Vila Nova

Litoral ✱ N.º 418-Aveiro, 27-10-1962

UM TELEVISOR DE LUXO AO ALCANCE DE TODOS!

Aceita-se Aterro

— num terreno sito no Viso, Esgueira, junto à loja do sr. Cardoso.

AUTOMÓVEL
VENDE-SE AUSTIN A-40
Barato. Em bom estado. Motivo retirada. Informa N. BOIA—B.N.U.
AVEIRO

Dr. Camilo de Almeida
MÉDICO ESPECIALISTA
Ex-Assistente na Estância do Caramulo
Doenças Pulmonares
Radiografias e Tomografias
CONSULTAS: de manhã — 2.ª 4.ª e 6.ª (das 10 às 12 h.); de tarde — todos os dias (das 15 às 19 h.)
CONSULTÓRIO
Av. do Dr. Lourenço Peixinho, 110-1.º-E
Telefone 23881
Residência: Av. Salazar, 62 r/c-D.to
Telefone 22767
AVEIRO

Empregada

Com conhecimentos de escritório, precisa-se na **VOLKSWAGEM** em Aveiro

Dr. Ponty Oliva
MÉDICO ESPECIALISTA
Ossos e Articulações
Consultas às 3.as-feiras das 14 às 16 horas
Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, 91
Telefone 22 982
AVEIRO

PEDROSA & TAVARES, L.DA

Gerentes da Agência da

SOMMER & C.A, L.DA em AVEIRO

FERROS E AÇOS

TELEFONE 22765

Rua de José Luciano de Castro, 43-A — ESGUEIRA — AVEIRO

Rádios — Televisão
Reparações — Acessórios

A. Nunes Abreu
Reparações garantidas e aos melhores preços
Rua do Eng.º Von Haffe, 59 - Telef. 22359
AVEIRO

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

Pelo 1.º Juizo de Direito da Comarca de Aveiro e 2.ª Secção de Processos, encontram-se uns autos de carta precatória para arrematação, vindos do 6.º Juizo Cível da comarca do Porto, extraídos dos de execução de sentença que Orgânica-Anilinas e Produtos Químicos, com sede na rua de St.ª Catarina, 753, move ao executado António Neto Mostardinha, solteiro, comerciante, de São Bernardo, e, nos mesmos autos, foi designado o dia 9 de Novembro próximo, pelas 11 horas, à porta do Tribunal, para arrematação em 3.ª praça e por qualquer valor, dos seguintes:

BENS

4 sacos de fertilizante, marca «GEBES», com cinquenta quilos cada; duas balanças décimais, em bom estado de funcionamento; uma bicicleta motorizada, marca «KREIDELER», de registo n.º 9786.

Aveiro, 23 de Outubro de 1962

O Escrivão de Direito,
João Alves

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Silvino Alberto Villa Nova

Litoral ⋆ N.º 418-Aveiro, 27-10-1962

ALUGA-SE

Em prédio novo, um andar com 8 divisões e garagem, na Rua de S. João de Deus, 12, e mais duas garagens independentes na rua Mariano Ludgero — Aveiro. Tratar com José Nunes dos Santos — MATADUÇOS

Venda em Hasta Pública

No dia 4 de Novembro, no lugar da Quinta do Gato — Sol Posto, proceder-se-á à venda da casa e quintal que foi de Luís Quaresma, com 6000 m. q. e árvores de fruta, vinha e água com abundância. Caso o preço oferecido não convenha, fica transferido para o domingo seguinte.

Para informações: Vasco Valente, Forca, Telef. 23759.

Quarto Mobilado

Aluga-se a cavalheiro de toda a respeitabilidade. Informa esta Redacção.

BILHAR

«Progredior», em estado de novo. VENDE-SE.
Café Lisboa — VAGOS

1.º ANDAR - PRECISA-SE

— com 3 divisões e quarto de banho em local central da cidade, para consultório médico. Resposta ao n.º 161 deste jornal, indicando preço.

Sócio Capitalista

Precisa-se com 100 a 150 contos para montagem de negócio no ramo industrial.

Resposta ao n.º 162.

Vende-se

Casa com quinta de semeadura sita no Largo do Senhor das Barrocas N.º 2.

Aceitam-se propostas. Tratar com Manuel Ramires Fernandes, Rua de S. Martinho, n.º 1 — AVEIRO

Venda de Pinhal

Vende-se na Patela, com 2600 m. q. sendo 44 de frente.

Tratar com o sr. Elísio Ferreira dos Santos, em Vilar — Telef. 23579.

Morris Oxford

Por motivo de retirada, vende-se. Estado impecável. Tratar com José Correia Bolhão, Rua dos Galitos, 13 — AVEIRO.

Alberto Souto e o Museu de Aveiro

Continuação da última página

de se encontrar ainda na fase de organização tem recebido já numerosas visitas de professores, estudiosos e homens de ciência que não têm deixado de manifestar a sua surpresa nem o seu aplauso por obra tão útil.

Em 1929 começara eu, também, o estudo geográfico, etnográfico e arqueológico da região serrana de além Caima. A colheita de objectos pré-históricos foi diminuta, contudo Sever do Vouga forneceu os primeiros documentos do mais remoto passado dos habitantes da nossa região.

À amabilidade de alguns severenses devo a satisfação enorme que tive de poder trazer para o novo Museu de Aveiro os primeiros machados de pedra, os mais antigos fragmentos cerâmicos encontrados até hoje na Beira-Mar e o único machado de bronze que o Museu possui e que é o segundo descoberto em todo e distrito de Aveiro.

Infelizmente quase todas as mamoas das necrópoles dolménicas por mim visitadas na serra do Arestal e proximidades nos concelhos de Cambra e Sever, estavam violadas e apresentavam-se estéreis.

Estes trabalhos prosseguidos nos anos seguintes não foram, no entanto, inúteis. Documentos pré-históricos inéditos muito interessantes foram por mim encontrados e estudados: duas estações de arte rupestre, ambas com círculos concêntricos e uma com espirais e outros petroglifos não menos enigmáticos. (...)

Alguns castros da mesma região foram por mim descobertos, estudados e explorados. O espólio foi insignificante. No entanto o Castelo da Pena, em Nespereira de Sever do Vouga, e o Cabeço do Aro no Espinheiro, do mesmo concelho, ambos da serra do Arestal, forneceram uma curiosa documentação dos velhos tempos lusos, que fica marcando a época pré-romana até aqui apenas conhecida nesta região pelas referências genéricas dos tratados e dos compêndios de história. (...)

Estas campanhas de estudo e de pesquisa despertaram interesse e simpatia no distrito.

Não tardou que outras pessoas viessem juntar àquelas as suas ofertas. (...)

Muito pouco é o que possuímos, fruto, porém, já de um propósito firme e de um programa ordenado, constitui um núcleo interessante e valioso destinado a servir de alicerce a um futuro Museu digno da cidade.

E' escasso, sem dúvida, o material recolhido, mas é tudo quanto de natureza arqueológica tem aparecido na nossa região nos últimos anos, tudo pelo menos que eu tenho encontrado, de que tenho tido conhecimento e que tenho podido obter.

Aveiro não tinha recolhido um só documento comprovativo da existência de qualquer povoado romano na sua região. Havia referências dos clássicos e escritores da Renascença à Talábriga, mas o *ubi* dessa cidade pré-romana ou luso-romana, não foi nunca descoberto.

Hoje sabe-se pelos restos arqueológicos guardados no Museu Municipal que em Cacia houve uma cidade luso-romana que deve ter sido a mais importante das proximidades de Aveiro, como se sabe que as referências de vários escritores a uma cidade romana, próximo do lugar de Vouga, eram verdadeiras pois estão comprovadas por achados típicos da época romana arquivados também no novo Museu.

Fala Marques Gomes, o erúdito e activo investigador e historiógrafo há um ano desaparecido, na cidade de Aviarium que sucedeu a Talábriga e que existiu onde hoje é Aveiro nos tempos de Marco Aurélio.

Nenhum documento ou achado comprova até hoje essa afirmação, como m'o fez notar o sr. P.e Miguel de Oliveira, digno chefe da Redacção das *Novidades,* a propósito das suas cuidadosas pesquisas nos *Portugaliæ Monumenta Historica*.

Porém, em Aveiro cidade, recolhi quando da abertura das fossas para as instalações telefónicas, alguns restos que me fazem suspeitar da existência aqui de um povoado muito antigo.

De que época? Não posso dizê-lo. Mas as *litorina littoreas* e a casca de ostra, muito frequente em estações romanas, são em tudo semelhantes, até na pátina, às de Cacia. A mó manuária diverge inteiramente das de Cacia e do Vouga e a tejolaria muito escassa, aliás, não é característica. Porém um pilão bastante usado, de forma rude, faz-me suspeitar de uma civilização anterior aos tempos romanos. E' tudo quanto, por enquanto, se sabe acerca das origens ou antecedentes da cidade nos tempos a que remonta Cacia.

E' tudo quanto se pôde obter para guardar e arquivar no Museu arqueológico e histórico que estamos organizando.

Sinto-me, por vezes, desalentado perante semelhante pobreza de materiais. Conhecer as colecções do Museu Etnológico Leite de Vasconcelos, dos museus: da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães; de Santos Rocha, da Figueira da Foz; de Machado de Castro, de Coimbra; do Instituto de Antropologia, do Porto; do Arqueológico de Madrid; do Numantino, de Soria; do Trocadero, de Paris; do Museu de História Natural e do Cinquentenaire, de Bruxelas; e ver uma vitrine e uma pequena sala do antigo convento de Jesus, tudo quanto respeita à arqueologia pré-histórica, proto-histórica e clássica da região de Aveiro, distrito tão vasto e variado e tão propício ao povoamento em tempos primitivos, faz pena e quase que envergonha.

Mas que fazer? Desprezar o pouco que há? Rejeitar o pouco que resta? Dispersar o pouco que se salvou da destruição e da perda?

Seria um crime à face da consciência de quem a sua terra, a sua pátria e a ciência, modestamente, procura servir.

Consideremos, pois, este núcleo arqueológico simplesmente como um incitamento a novos estudos, a mais felizes investigações daqueles que me substituirem na tarefa e como uma relíquia de tempos venerandos e dos nossos remotos antepassados.»

Passada quase uma década sobre estes desabafos, proferiu uma conferência no Porto, em 27 de Janeiro de 1942, na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, dissertando pertinentemente acerca da *Romanização no Baixo-Vouga*, inserta depois no último fasc.º do vol. IX dos «Trabalhos da Sociedade» e que deu densa separata.

E foi sobre tão operosa actividade que, no ano passado, no I Colóquio Portuense de Arqueologia, se escutou esclarecida fala, em cintilante improviso do grande orador que sempre foi — *Problemas da pré-história da região vouguense.*

Afinal a sua última intervenção em reunião científica (registada, recolhida nas *Actas* e da qual se editou separata).

Fomos ao Porto participar no II Colóquio, a 19 de Maio deste ano, e ali fomos ao render de guarda, preitear a memória do saudoso Amigo, do modo que pudemos.

Antes, não havia ainda um mês, tivéramos de desmontar a enorme vitrina de Arqueologia que se expunha no Museu, porque vamos distribuir e arrumar — nos escaparates do compartimento que abre a ala nova do segundo andar — os materiais que o meu respeitável antecessor recolheu tão desveladamente e ali constituem a *Secção Arqueológica:* estimada e expressiva amostra do muito que o Museu de Aveiro lhe deve.

★

No actual condicionalismo museológico, respeitando o interesse nacional e o bom-senso local, a GALERIA DE AVEIRO é a concretização possível da velha ideia da colecção pública regional-etnológica que Alberto Souto acalentou. Delineando o seu escopo, carreou e coligiu antiqualhas e, sobretudo, promoveu, há um quarto de século, a oportuna campanha artístico-etnográfica de Alberto Souza, hoje incomparável núcleo documental.

Contíguo à *Secção Arqueológica,* mesmo à entrada do amplo andar cimeiro da ala nova do Museu, ficará um busto do Dr. Alberto Souto: — em memória do notável Aveirense que seria o maior entusiasta — estamos certos! — da GALERIA DE AVEIRO. Esta procura efectivar muito do que sonhou para o *seu* Museu, o imenso *relicário* da nobilíssima terra que tanto amou e serviu.

António Manuel Gonçalves

(Da comunicação apresentada ao II Colóquio Portuense de Arqueologia, a 19 de Maio de 1962, cujo intróito se publicou no Litoral *n.º 396, de 26 do mesmo mês)*

DOIS PRESIDENTES — O Dr. Alberto Souto, dando a direita ao sr. Dr. Álvaro Sampaio. Ambos, em 12 de Outubro de 1958, subiam a escadaria dos Paços do Concelho, onde, como presidentes do Município, deixaram para sempre um nome prestigioso

Fugit Irreparabile Tempus

Continuação da última página

Posto que com feição essencialmente simbólica, pretendeu-se que, ao mesmo tempo, o aludido Mastro servisse de «ornamento que faltava à estética claudicante do Canal Central da Cidade».

Que necessidade haverá, porventura, de suprimi-lo? Ou que conveniência?

Onde deveriam tremular bandeiras e flâmulas de vistoso colorido, em dias festivos e quando o estado do tempo o permitisse, encontramos, agora, completa nudez e *sinais de luto,* — porque, perfilado e mudo, qual esguio cipreste à beira de uma sepultura, é assim, despido de todo o ornamento, que o «Mastro do Milenário» nos está lembrando sempre: *morreu Alberto Souto.*

As voltas que o mundo dá!...

Aveiro, 1962

ao cair duma tarde do Outono

Mello Freitas

A UM ANO DA GRANDE PERDA

Alberto Souto e o MUSEU de AVEIRO

PELO DR. ANTÓNIO MANUEL GONÇALVES

Em 1957, registou Alberto Souto, numa folhiha do ficheiro pessoal, uma sua latente preocupação:

«Em 1928 eu pensei que as curiosidades locais e etnográficas, não só já existentes mas a recolher, adquirir ou arquivar, deviam ficar àparte do Museu de Arte.

Era a *diferenciação* e a *especialização*.

O Museu de Arte devia ser expurgado das espécies etnográficas, históricas e de interesse local e das curiosidades.

Este material, por vezes e em muitos casos e sob muitos pontos de vista — até científico ou histórico — devia ser separado para um Museu Etnográfico. Assim fiz criar pela Câmara o *Museu Municipal de Arqueologia, Etnografia, Artes, Indústrias e Recordações locais* e propuz ao Governo que autorizasse a sua instalação no edifício do Museu Regional de Arte.

Assim se fez. As obras posteriores, porém, inutilizavam as tentativas e o material deixou de ter o começo de disposição expositiva que começava a ter. (...)

Museu regional é o Museu de Aveiro — tal como se estruturou há meio século — com âmbito, *de jure* e *de facto* que comporta, além das Belas-Artes e da História locais, a Arqueologia e a Etnografia, na concentração e valorização seleccionada a exigir dos museus-cabeça de distrito: *evidenciando o modo de ser da comunidade regional, reflecte o carácter pátrio*. Aliás, nos nossos dias, só a Alemanha, numa ou noutra cidade, tem enveredado pelos museus *especializados* de região. Contraproducente tal processo e dispendioso e dispersivo para o comum dos países ocidentais europeus, o *museu regional* prefere-se centralizador, vário mas escolhido, *vivo*, a oferecer *uma imagem pluriforme da região onde se enquadra*.

Novos recintos das alas norte-poente da galeria aveirense ainda os visionou Alberto Souto a satisfazer essa velha ideia do Museu municipal, anexo ao Museu de Belas-Artes, e sob tectos do mesmo complexo monumental, como espontâneamente nos manifestou na última e saudosa visita que ali efectivou e acompanhámos.

Mas importa relevar como o geólogo, o etnólogo, o arqueólogo, o já esclarecido tratadista das *Origens da Ria de Aveiro* (ed. 1924), serviu científicamente-objectivo e acendrado — a sua cidade e a sua região, pois foi Alberto Souto quem deu plena cons*ciência* arqueológica ao passado aveirense.

O delta, o agro e a urbe remontou-os a documentadas civilizações romanas do Baixo-Vouga, por frutuosas pesquisas que outros autorizados investigadores contemporâneos vieram a corroborar e reforçar.

Ouçamos algo do humaníssimo depoimento que encontrámos no espólio, ora confiado ao Museu de Aveiro por suas extremosas filhas. Deve ter sido escrito em fins de 1932 (a 7 de Maio desse ano inseriu o «Diário do Governo» o diploma que classificou como regional o Museu de Aveiro, aliás, no género, o primeiro novecentista a ser instituído no país):

«Após a publicação da minha memória justificando a criação de um Museu etnográfico em Aveiro, memória essa que denominei *Etnografia da Região do Vouga* e saíu das oficinas da Coimbra Editora em 1929, a Câmara de Aveiro resolveu criar o Museu Municipal Regional, de Arqueologia, Etnografia, Artes, Indústrias e Recordações locais.

Solicitando a necessária autorização do Ministério da Instrução Pública para instalar o seu Museu no edifício do Museu de Arte, antigo Convento de Jesus, na parte ocidental que fora ocupada pelos Tribunais da Comarca durante as obras nos Paços do Concelho e onde estivera instalada durante anos a Escola Primária Superior, que sucedera à Escola de Habilitação para o Magistério Primário, foi a Câmara autorizada a ocupar com as aquisições do Museu Municipal essa parte do edifício, sem prejuízo, bem entendido, dos serviços do Museu Nacional de Arte, hoje novamente classificado como *regional*, juntamente com os seus congéneres de Coimbra e Viseu.

Estava assim adoptado o meu alvitre exposto a pg. 24 do opúsculo citado, oficializando-se o trabalho que eu começava a realizar.

Em Junho de 1930 oficiava eu à Câmara oferecendo-lhe o espólio de Cacia por mim recolhido e os meus serviços para se fazer uma exploração mais completa no lugar da Torre onde fora a velha cidade luso-romana que vários autores assinalaram mas que nenhum visitara nem ninguém escavara.

O sr. dr. Lourenço Peixinho, presidente da Comissão Executiva, pôs imediatamente à minha disposição alguns trabalhadores com os quais procedi a cortes no terreno de Cacia, mas sendo pouco profícua a exploração, resolvi esperar que na extração de pedra para brita, a que alguns empreiteiros de estradas iam proceder, aparecessem mais objectos, o que de facto aconteceu.

Todo o mobiliário encontrado, constituído principalmente por fragmentos cerâmicos, foi cuidadosamente recolhido, sendo um valioso auxiliar o sr. António de Castro que fez numerosas viagens a Cacia e ali passou longas horas assistindo aos trabalhos das saibreiras e pedreiras e salvando muitos restos interessantes que entregou ao Museu e figuram hoje na colecção municipal.

Foi este o núcleo original do novo Museu aveirense que apesar

Continua na página 13

João Augusto Marques Gomes, organizador e primeiro Director do Museu de Aveiro, e o Dr. Alberto Souto, quando este exercia já o cargo de Director

O «Mastro do Milenário» — inaugurado quando das grandes comemorações aveirenses — um dos motivos em que poderia inspirar-se o «ex-libris» de Aveiro

FUGIT IRREPARABILE TEMPUS

— PELO DESEMBARGADOR MELLO FREITAS

Quatro anos de trabalho exaustivo, de responsabilidades, de contínuas preocupações e, por acréscimo, alguns desgostos profundos: 11-VI-1957 a 14-VI-1961.

Tão profundos que a morte não tardaria: em 23-X-1961, repentinamente, Alberto Souto sucumbiu.

Ele não ignorava, ao assumir o cargo de Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, que uma crise de *angina pectoris* de súbito poderia aniquilá-lo.

Sabia-o, e anteriormente me declarara que *precisava de poupar-se*.

Afinal, porém, quase deliberadamente, caminhou para a morte, ao pretender dar pronta realidade a sonhos seus que de longe vinham.

Se Aveiro é terra de fascinações e maravilhas, Alberto Souto, num derradeiro esforço que haveria de ser-lhe fatal, imaginou-se capaz de contribuir substancialmente para, sem perda de tempo, a tornar ainda mais encantadora!

Para resistir e prosseguir não lhe bastaram, entretanto, uma enraizada fé e o calor de generosos projectos: ai dele, que ficou vencido...

Agora se verificou o primeiro aniversário do seu falecimento: *fugit irreparabile tempus*.

«Destituído de honras e títulos e cargos oficiais» (palavras suas, na sessão evocativa do «Cantar do Galo», em 17 de Junho de 1961, no *Teatro Aveirense)*, Alberto Souto recebeu «uma das mais quentes, espontâneas, prolongadas e apoteóticas ovações a que Aveiro terá assistido desde sempre». Assim se exprimiu, e com inteira verdade, o «Litoral».

Perceber-se-ia, no momento, que o coração de Alberto Souto vertera lágrimas de sangue, e deve ter sido sob o influxo de irreprimível mágoa que ele, Alberto Souto, orador de alta estirpe, ao proferir o seu último discurso, «Derradeira Profissão de Aveirismo» (no dizer também do «Litoral»), atingiu um nível de sublimidade!

Que Alberto Souto foi um sonhador? — Sim, por certo; mas analisemos os seus sonhos e nos próprios erros encontraremos, possivelmente, alguma coisa que nos sensibilize.

A «Mensagem aos Aveirenses», proferida no dia da Pascoela de Abril de 1958, ao hastear das bandeiras no «Mastro do Milenário», é digna de meditação.

Dispendiosa fantasia? Talvez, mas... que remédio?

Continua na página 13

NO PRÓXIMO NÚMERO

★ *Tendo adoecido o nosso distinto colaborador Eduardo Cerqueira, só para o número próximo espera poder concluir o seu artigo «José Estêvão e Alberto Souto»*

★ *Na próxima semana será também publicado o artigo do nosso Director «O Gabão no lugar da Toga», que, por falta de espaço, não pôde agora ser dado à estampa.*

★ *Por nos ter chegado tarde à Redacção o respectivo original, só igualmente no próximo número se publicará «Inverno», um magnífico inédito do saudoso Dr. Alberto Souto.*